

Yemoja Sessu

Memória de
uma Comunidade
Tradicional de Matriz
Africana Paulista



2ª edição

ORGANIZAÇÃO
JOSÉ PEDRO DA SILVA NETO

COLEÇÃO **VIRA**
MUNDO

· FEUSP

Yemoja Sessu

Memória de
uma Comunidade
Tradicional de Matriz
Africana Paulista

2ª edição

ORGANIZAÇÃO
JOSÉ PEDRO DA SILVA NETO

COLEÇÃO **VIRA**
MUNDO

· FEUSP



A 1ª edição dessa obra foi feita por meio do edital Proac nº 25/2016 da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo em versão impressa (2014, ISBN nº 978-85-68848-00-5) distribuída gratuitamente. Os editores autorizaram a coedição da referida obra em formato PDF pela Faculdade de Educação da USP, a ser disponibilizado no Portal de Livros Abertos da USP (Coleção Viramundo).

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença *Creative Common* indicada.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitora: Prof.^a Dr.^a Maria Arminda do Nascimento Arruda

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Diretora: Prof.^a Dr.^a Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto

Vice-diretor: Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

Direitos desta edição reservados à FEUSP

Avenida da Universidade, 308. Cidade Universitária.

Butantã. 05508-040, São Paulo – Brasil.

(11) 3091-2360 e-mail: spdfe@usp.br <http://www4.fe.usp.br/>

Catálogo na Publicação

Biblioteca Celso de Rui Beisiegel
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Y44 Yemoja Sessu: memória de uma comunidade tradicional de matriz africana paulista. /
José Pedro da Silva Neto (Organizador). – São Paulo: FEUSP, 2025. (Coleção Viramundo).

110 p.

ISBN: 978-65-87047-95-9 (E-book)

DOI: 10.11606/9786587047959

1. Populações afro-brasileiras. 2. Comunidade tradicional de matriz africana. 3. Cultura afro-brasileira. 4. Candomblé. 5. Mãe Sessu. I. Silva Neto, José Pedro da (org.). II. Título.

CDD 22ª ed. 306.6

Ficha elaborada por: José Aguinaldo da Silva – CRB8ª: 7532

Projeto gráfico e diagramação: Dedê Paiva

Preparação e revisão de texto: Bianca Lunna

Ilustrações: Inátóbí (José Pedro da Silva Neto)

Yemoja Sessu

Memória de uma Comunidade Tradicional de Matriz Africana Paulista

2ª edição

ORGANIZAÇÃO

JOSÉ PEDRO DA SILVA NETO

DOI: 10.11606/9786587047959



São Paulo
2025

COMISSÃO EDITORIAL

Vagner Gonçalves da Silva

Universidade de São Paulo (FFLCH)

Rosenilton Silva de Oliveira

Universidade de São Paulo (FE)

José Pedro da Silva Neto

Universidade de São Paulo (PPGAS - FFLCH)

CONSELHO CIENTÍFICO

Carlos Yoba

Universidade Lueji A'Nkonde (Angola)

Denise Dias Barros

Universidade de São Paulo (Brasil)

Dilma de Melo Silva

Universidade de São Paulo (Brasil)

Ileana Hodge Limonta

Centro de Investigações Psicológicas e Sociológicas (Cuba)

James Lorandy Matory

Universidade Duke (Estados Unidos)

Jean-Pierre Dozon

Fundação Casa das Ciências do Homem (França)

Ligia Ferreira

Universidade Federal do Estado de São Paulo (Brasil)

Mundicarmo Ferretti

Universidade Federal do Maranhão (Brasil)

Nilma Lino Gomes

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

Niyi Afolabi

Universidade do Texas (Estados Unidos)

Ricardo Alexino Ferreira

Universidade de São Paulo (Brasil)

Prefácio à 2ª edição | 9

Rosenilton Silva de Oliveira

Prólogo | 15

Patrício Carneiro Araújo

Prefácio da 1ª edição | 19

Rodney Willian Eugênio

Mãe Sessu – Lembranças da Fundação | 25

José Pedro da Silva Neto

Amigo-de-Santo | 49

Cláudio Zeiger

Palavra do Filho do Guerreiro | 55

Armando Vallado

Labirintos Achados, Acessos aos Guardados | 63

José Lourival Ventura e José Pedro da Silva Neto

Omodé Yemoja – As crianças de Yemoja | 73

Paulo César Padilha

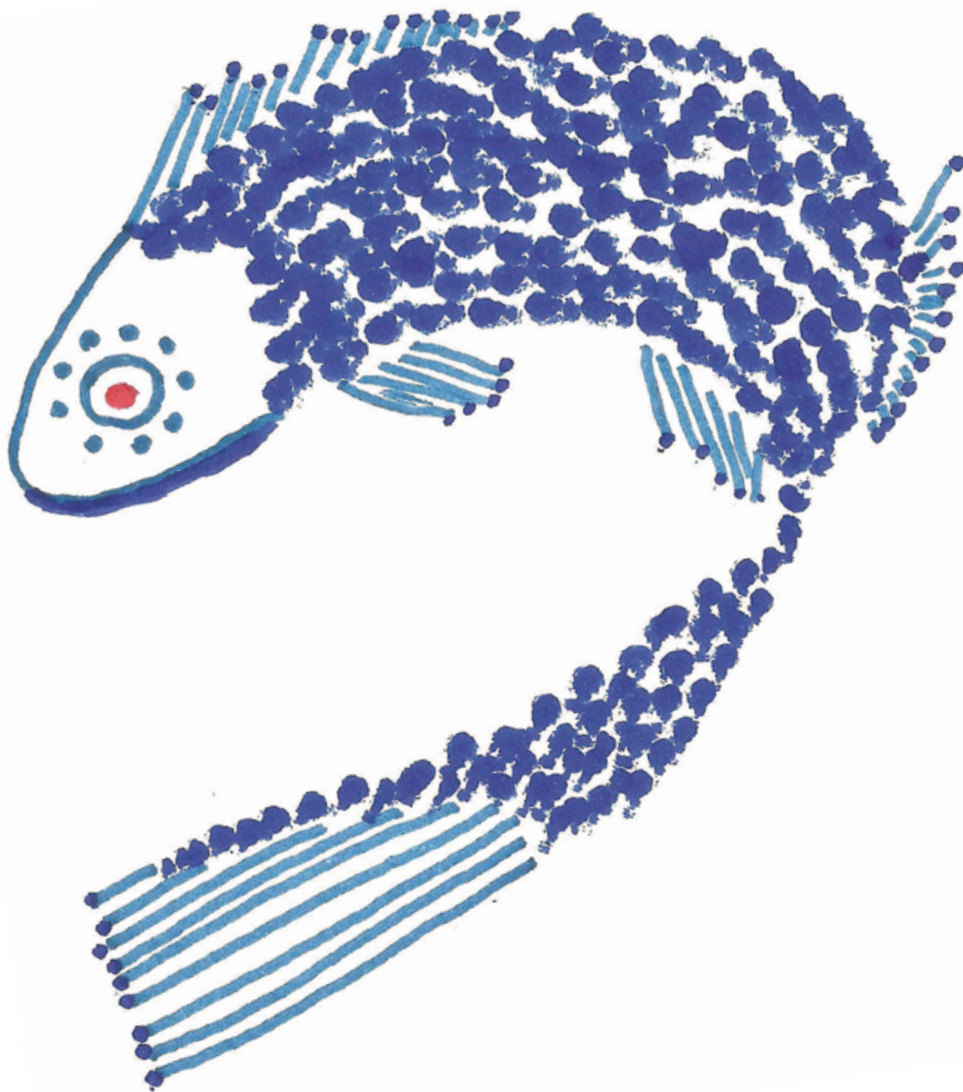
Prumo do Olhar | 79

Ayodelê Fernanda Procópio Mangiullo

Anexo | 91

Roça Ala Ketu Ilé Àṣe Pàlèpà M̀̀rìwò Sese e Mãe Sessu entre 1979 à 200

Caderno de Fotos | 99



Agradecemos imensamente a todas(os) que, de algum modo, contribuíram para esta publicação. Especialmente ao escritor e pesquisador, Babalorixá e Asojú Oba Alákétu (em Kétu no Benin) Aulo Barretti Filho, por ensinar a materializar sonhos, ao Babalorixá Paulo Tolomi Ifatide Ifamoroti por ensinar a usar o material sonhado, ao Baba José Eloi Goes da Silva por produzir o sonho e ao Baba Vagner Gonçalves da Silva por ensinar a persistir sonhando.

Prefácio à 2ª edição

Rosenilton Silva de Oliveira *1

Okoko n(i) ko olomu a ko (e)gbe do

Com doçura, junta as pessoas em torno dela².

* 1 Doutor em Antropologia e Livre Docente em Educação, é Professor Associado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Coordena o Fateliku – grupo de pesquisa sobre educação, relações étnico-raciais, gênero e religião. Autor de A cor da fé: identidade negra e religião (Elefante, 2024). Contato: rosenilton.oliveira@usp.br

2 VERGER, Pierre. Notas sobre o culto aos orixás e voduns. São Paulo: Edusp, 2012, p. 303. rosenilton.oliveira@usp.br

A cultura do povo brasileiro é profundamente marcada por inúmeros aspectos transmitidos pelas religiões de matriz africana. A visão de mundo, os modos de ser e fazer, o jeito de andar e dançar, a força para lutar e sobreviver, as palavras e os gestos do povo negro encontram na religiosidade boa parte de sua origem. A própria família negra, completamente esfacelada nos processos de escravidão, foi simbolicamente reconstruída nos terreiros de Candomblé, que deram a base não só para suportar e superar sua triste condição, mas para recuperar sua dignidade e inscrever sua História de resistência.

Em torno de grandes mulheres, ergueram-se as primeiras comunidades. E a proeminência feminina está relacionada a questões históricas e sociológicas. Contudo, em meio às agruras da escravidão, apenas a figura de uma mãe acolhedora, sábia, compreensiva e amorosa daria conta de congregar tantos seres dispersos, desviados de sua cultura e identidade, destituídos de sua linhagem e de seus nomes, entregues à pior sorte, reduzidos à condição de objeto. Toda dor do povo negro desaguou no mar. Iemanjá testemunhou a crueldade, a doença, a morte. A “Grande Mãe”, que em

seus seios fartos alimentou uma civilização, receberia, então, os corpos de seus filhos. E o mar chorou...

Mas a religião dos Orixás guarda mistérios sagrados, e a “Grande Mãe” africana, vinda das terras de Abeokutá, banhadas pelo Rio Ògún, desaguaria no oceano e chegaria soberana a sua outra “margem”. Assim, Iemanjá transformou-se também na “Grande Mãe” do povo brasileiro. Tomou para si todas as praias, de Norte a Sul; rompeu fronteiras, tornou-se rainha. Amada e respeitada, fez com que fieis e incrédulos se curvassem diante de suas ondas, lançando ao mar todo aroma de alfazemas e rosas, todos os enfeites e flores, toda gratidão e anseio. E escolheu suas filhas...

Em 27 de outubro de 1936, a luz de Iemanjá refletiu na Terra. A “Grande Mãe” renascia plena no encanto de uma menina que, por força do brilho, foi chamada Clarice. A história de dor e sofrimento dos ancestrais africanos insiste em se repetir na vida de seus descendentes, talvez como uma condição para o aprendizado, um treinamento que lhes permita desenvolver habilidades e adquirir o conhecimento necessário para ensinar e conduzir seus filhos. Apesar de uma infância feliz, as dificuldades da adolescência fizeram da menina Clarice uma mulher forte, destemida. Nem a

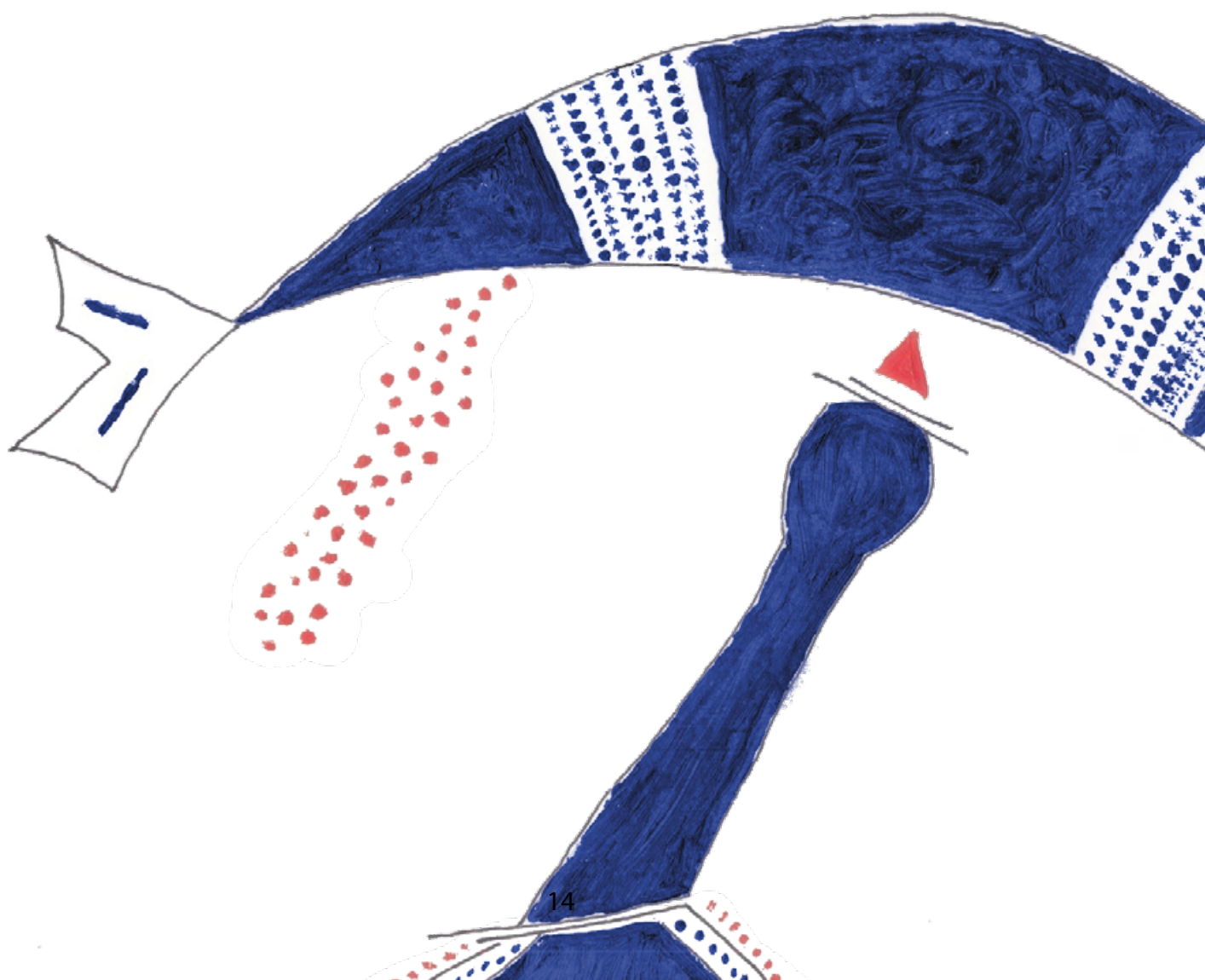
morte a assustava. Certamente, tudo que viu e viveu nesse período, especialmente na própria família, forjou seu perfil de liderança e lhe emprestou a autoridade de uma “Grande Mãe”, em torno da qual se formaria uma grande comunidade.

Ìyá Sessu, dona de todos os rios, senhora de todas as águas, fez de Clarice mãe e mulher. Deu a ela uma família: marido, filhos, netos. Na vida de Clarice, lemanjá se tornou soberana e a fez renascer como Mãe Sessu, dando a ela ainda mais filhos e netos, ainda mais irmãos e toda ancestralidade, que trouxe sentido e alegria a sua vida. Sob as bênçãos de lemanjá nasceu o Ilê Axé Palepá Mariwô Sessu, cuja algumas memórias o cientista social José Pedro da Silva Neto, alto dignitário desta Casa de lemanjá, organiza neste livro, oferecendo não só a possibilidade de uma boa e bela leitura, mas a preservação de um patrimônio imaterial que corresponde à verdadeira fonte teórica para se entender e explicar a liturgia dos terreiros e, por conseguinte, a História de luta e resistência do povo negro no Brasil.

Nem mesmo o imediatismo da metrópole, com seu ritmo acelerado, sua pressa inexplicável, seu prazo contado, foi capaz de apagar o afeto das relações nesse terreiro. Em São Paulo, o Candomblé encara grandes desafios, portanto,

reunir e manter a comunidade nem sempre é fácil. Mas o Ilê Axé Palepá Mariwô Sessu é uma extensão da família da própria Iyalorixá, que não faz distinção entre filhos de sangue e filhos de santo. Todos estão integrados e encontram na “Grande Mãe” a referência que os fortalece para tantos enfrentamentos. Mãe Sessu fez dessa comunidade sua vida; um espaço e um tempo de reencontros, mostrando a todos a essência familiar como base da reconstrução dos laços e da identidade de negros e afro-descendentes. Comprova que existem negros de todas as cores, pois a consciência que define o ser é o grande legado de Iemanjá – a mãe de todos os filhos, a mãe de todas as cabeças.

Em 2016, Mãe Sessu celebrará seus 80 anos de vida. É nossa Agbá, nossa “mais velha”. Nos terreiros de Candomblé, “o mais velho é visto como aquele que persiste, que é duradouro e que merece viver ainda mais e tornar-se um ancestral, o que significa, em princípio, tornar-se eterno”. Este livro eterniza as memórias de Mãe Sessu e de seu Axé. É um presente para todos aqueles que acreditam no poder transformador dos Orixás e, principalmente, no diálogo e no respeito como elementos fundamentais para a construção de um mundo melhor e mais justo.



Prólogo

Patrício Carneiro Araújo *



O Rio Ògùn, que corre na Nigéria e banha a cidade de Abéòkúta, também corre na cidade de São Paulo e banha o bairro da Pedreira. É isso que o filho do Ilé Àṣé Pàlepà Màriwò Sessu, Inátóbí, José Pedro da Silva Neto, nos mostra no livro *Yemoja Sessu: memória de uma comunidade tradicional de matriz africana paulista*. Na Pedreira, assim como em Abéòkúta, Yèyè Omo Ejá (Yemojá, Iemanjá) é cultuada por seus filhos peixes há quase meio século.

* Babalorixá Odé Onisojí e Antropólogo na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Através de depoimentos de importantes autoridades religiosas daquela comunidade, de filhos e amigos, o perfil da casa é traçado como um lugar de vivências múltiplas que fazem do espaço um lugar antropológico, onde se engendra identidades e mantém tradições que remontam a um culto multi secular. E, como acontece na Bahia, depois das muitas transformações urbanas que caracterizaram a metrópole paulista nas últimas décadas, o Ilé Àsé Pàlepà Màriwò Sessu hoje representa uma ilha verde incrustada no bairro.

Símbolo de um matriarcado, sob a liderança de uma mulher negra, a história dessa comunidade religiosa paulista revela a brilhante capacidade desta òyálòrìṣà em estabelecer relações que perpassam África e Brasil. Sua filiação junto ao nigeriano Ogunjobirê (Aramefá do Ilê Asé Iya Nassô Oká), a amizade com proeminentes figuras do candomblé paulistano, como a òyálòrìṣà Sandra Epega e os bàbálorìṣà Aulo Barreti Filho, Francelino de Xapanã, Armando Vallado, Tata Tawa, entre vários outros, provam que òyá Sessu nunca se manteve isolada. É uma mulher de alianças.

Sua capacidade de manter as tradições do culto aos òrìṣà não deve ser vista, porém, como resultado de uma sacerdotisa presa ao passado e refratária às transformações

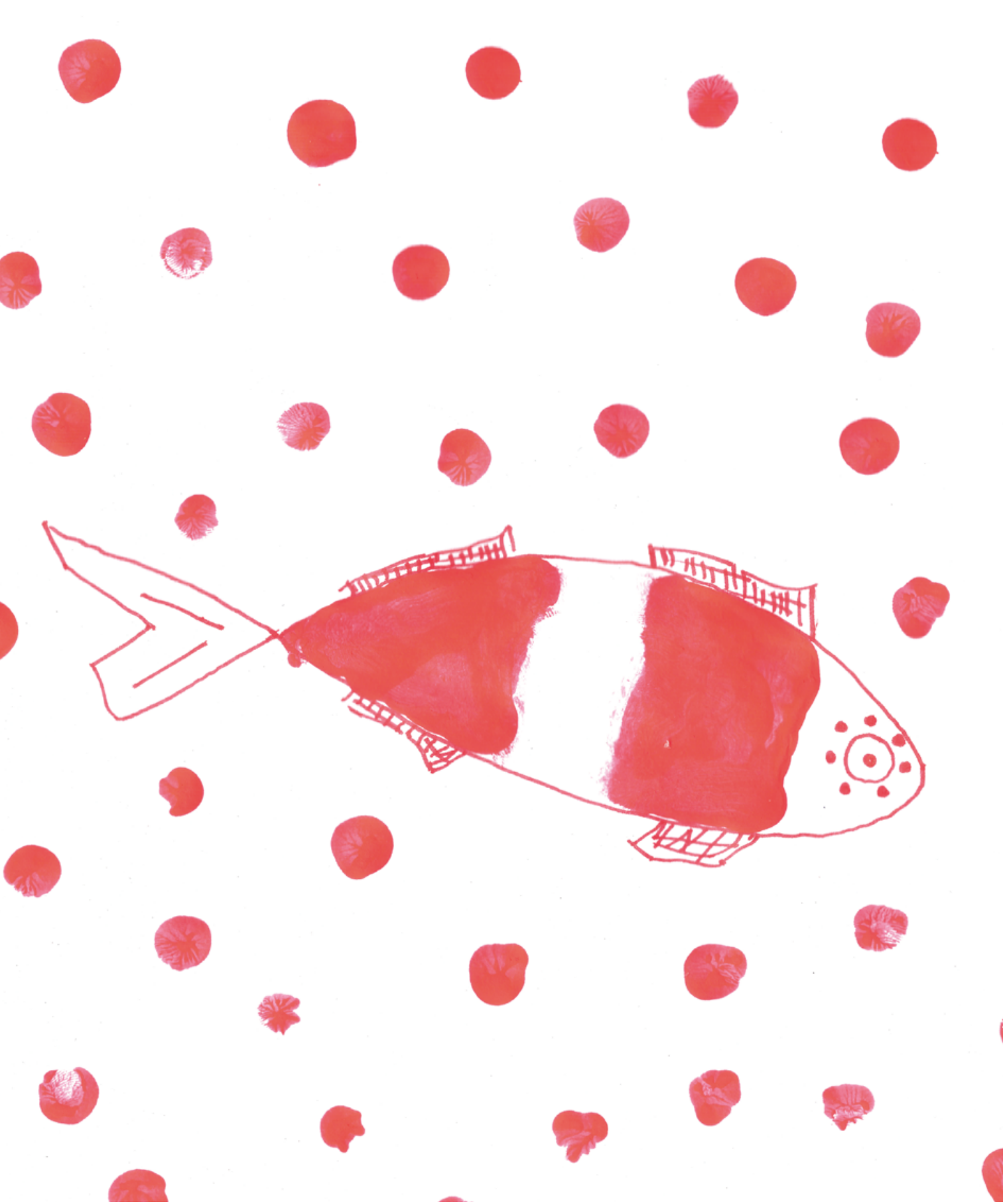
constantes da cultura. Ao contrário, a trajetória dessa òyálòrìsà e da sua casa refletem o perfil de uma sacerdotisa perita em lidar tanto com a tradição quanto com a mudança.

Exemplo disso são os episódios de rupturas e alianças feitos por ela. Da mesma forma, as mudanças na liturgia, a substituição dos painéis de São Jorge e da lemanjá branca - antes expostos no barracão -, a assunção dos cuidados com a cabeça da filha carnal e a iniciação de seu filho biológico, assim como o ato de vestir òrìsà de outras casas nas suas festas, são provas da grande capacidade dessa sacerdotisa de administrar tradição e mudança. Ao conciliar a presença de fotógrafos e pesquisadores com cantigas e toques antiquíssimos nas festas públicas, òyá Sessu demonstra, mais uma vez, sua admirável capacidade de não se fechar às transformações culturais que batem à sua porta, sem, no entanto, abdicar daquilo que considera como a tradição genuína.

Um dia, quando a òyá Sessu não estiver mais presente fisicamente, sua casa, sua descendência e este livro testemunharão sobre o legado desta grande òyá Agbá do candomblé paulistano.

Odô òyá!!!

Odé Nisojí





Prefácio da 1ª edição

Rodney William Eugênio *

* Antropólogo, mestre em Gerontologia Social (PUC-SP), doutor em Ciências Sociais (PUC-SP) e Babalorixá do Ilê Olá Ketu Axé Omi Nlá - SP.

A cultura do povo brasileiro é profundamente marcada por inúmeros aspectos transmitidos pelas religiões de matriz africana. A visão de mundo, os modos de ser e fazer, o jeito de andar e dançar, a força para lutar e sobreviver, as palavras e os gestos do povo negro encontram na religiosidade boa parte de sua origem. A própria família negra, completamente esfacelada nos processos de escravidão, foi simbolicamente reconstruída nos terreiros de Candomblé, que deram a base não só para suportar e superar sua triste condição, mas para recuperar sua dignidade e inscrever sua História de resistência.

Em torno de grandes mulheres, ergueram-se as primeiras comunidades. E a proeminência feminina está relacionada a questões históricas e sociológicas. Contudo, em meio às agruras da escravidão, apenas a figura de uma mãe acolhedora, sábia, compreensiva e amorosa daria conta de congregar tantos seres dispersos, desviados de sua cultura e identidade, destituídos de sua linhagem e de seus nomes, entregues à pior sorte, reduzidos à condição de objeto. Toda dor do povo negro desaguou no mar. Iemanjá testemunhou a crueldade, a doença, a morte. A “Grande Mãe”, que em

seus seios fartos alimentou uma civilização, receberia,
então, os corpos de seus filhos. E o mar chorou...

Mas a religião dos Orixás guarda mistérios sagrados,
e a “Grande Mãe” africana, vinda das terras de Abeokutá,
banhadas pelo Rio Ògún, desaguaria no oceano e chegaria
soberana a sua outra “margem”. Assim, Iemanjá transformou-
se também na “Grande Mãe” do povo brasileiro. Tomou
para si todas as praias, de Norte a Sul; rompeu fronteiras,
tornou-se rainha. Amada e respeitada, fez com que fieis e
incrédulos se curvassem diante de suas ondas, lançando
ao mar todo aroma de alfazemas e rosas, todos os enfeites
e flores, toda gratidão e anseio. E escolheu suas filhas...

Em 27 de outubro de 1936, a luz de Iemanjá refletiu
na Terra. A “Grande Mãe” renascia plena no encanto de uma
menina que, por força do brilho, foi chamada Clarice. A
história de dor e sofrimento dos ancestrais africanos insiste
em se repetir na vida de seus descendentes, talvez como
uma condição para o aprendizado, um treinamento que lhes
permita desenvolver habilidades e adquirir o conhecimento
necessário para ensinar e conduzir seus filhos. Apesar de
uma infância feliz, as dificuldades da adolescência fizeram
da menina Clarice uma mulher forte, destemida. Nem a

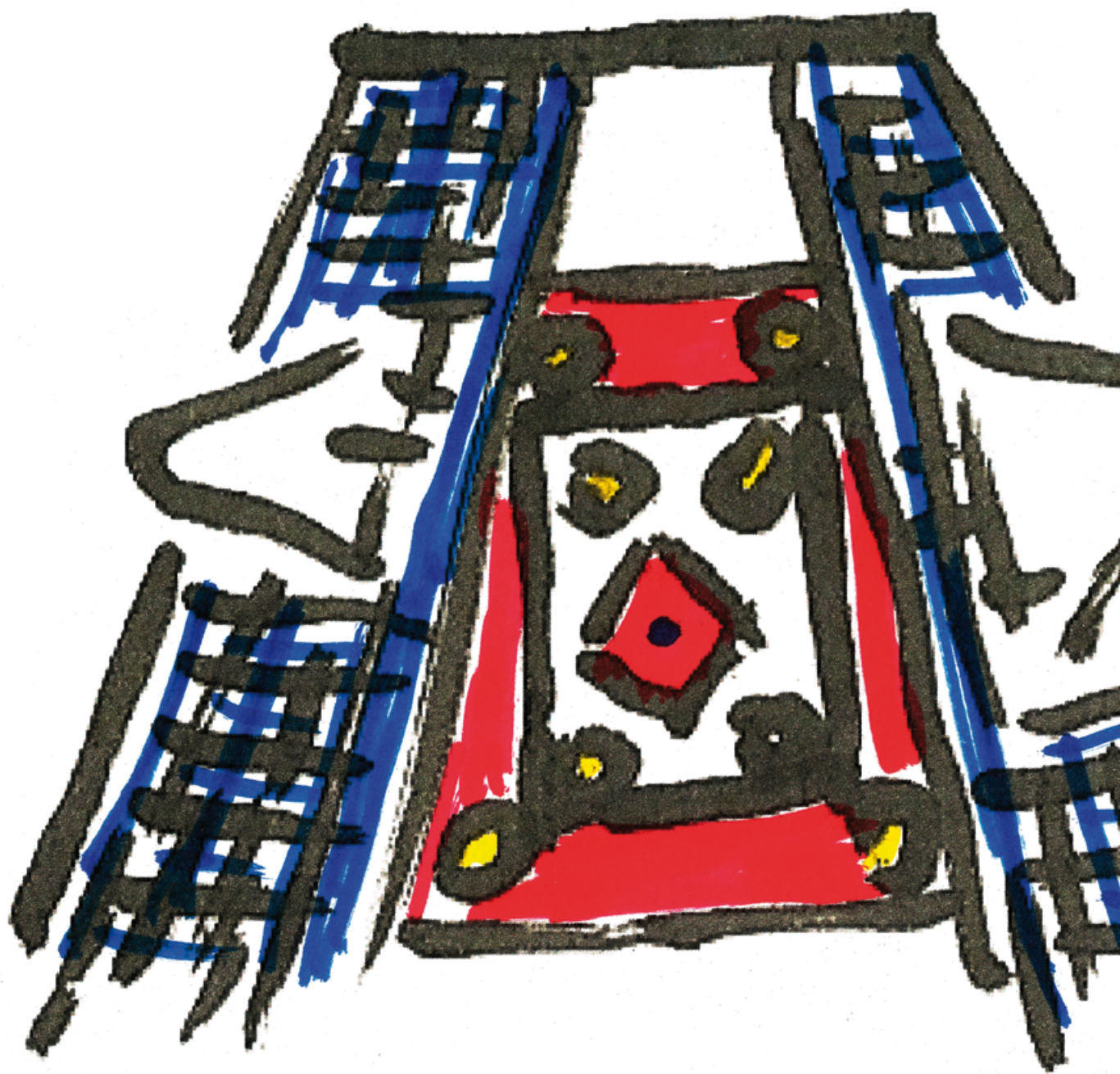
morte a assustava. Certamente, tudo que viu e viveu nesse período, especialmente na própria família, forjou seu perfil de liderança e lhe emprestou a autoridade de uma “Grande Mãe”, em torno da qual se formaria uma grande comunidade.

Ìyá Sessu, dona de todos os rios, senhora de todas as águas, fez de Clarice mãe e mulher. Deu a ela uma família: marido, filhos, netos. Na vida de Clarice, lemanjá se tornou soberana e a fez renascer como Mãe Sessu, dando a ela ainda mais filhos e netos, ainda mais irmãos e toda ancestralidade, que trouxe sentido e alegria a sua vida. Sob as bênçãos de lemanjá nasceu o Ilê Axé Palepá Mariwô Sessu, cuja algumas memórias o cientista social José Pedro da Silva Neto, alto dignitário desta Casa de lemanjá, organiza neste livro, oferecendo não só a possibilidade de uma boa e bela leitura, mas a preservação de um patrimônio imaterial que corresponde à verdadeira fonte teórica para se entender e explicar a liturgia dos terreiros e, por conseguinte, a História de luta e resistência do povo negro no Brasil.

Nem mesmo o imediatismo da metrópole, com seu ritmo acelerado, sua pressa inexplicável, seu prazo contado, foi capaz de apagar o afeto das relações nesse terreiro. Em São Paulo, o Candomblé encara grandes desafios, portanto,

reunir e manter a comunidade nem sempre é fácil. Mas o Ilê Axé Palepá Mariwô Sessu é uma extensão da família da própria Iyalorixá, que não faz distinção entre filhos de sangue e filhos de santo. Todos estão integrados e encontram na “Grande Mãe” a referência que os fortalece para tantos enfrentamentos. Mãe Sessu fez dessa comunidade sua vida; um espaço e um tempo de reencontros, mostrando a todos a essência familiar como base da reconstrução dos laços e da identidade de negros e afro-descendentes. Comprova que existem negros de todas as cores, pois a consciência que define o ser é o grande legado de Iemanjá – a mãe de todos os filhos, a mãe de todas as cabeças.

Em 2016, Mãe Sessu celebrará seus 80 anos de vida. É nossa Agbá, nossa “mais velha”. Nos terreiros de Candomblé, “o mais velho é visto como aquele que persiste, que é duradouro e que merece viver ainda mais e tornar-se um ancestral, o que significa, em princípio, tornar-se eterno”. Este livro eterniza as memórias de Mãe Sessu e de seu Axé. É um presente para todos aqueles que acreditam no poder transformador dos Orixás e, principalmente, no diálogo e no respeito como elementos fundamentais para a construção de um mundo melhor e mais justo.





Mãe Sessu

- Lembranças da Fundação do Ilê Àse Pàlepá Mariwo Sessu

José Pedro da Silva Neto *

* Iniciado no Ilê Àse Pàlepá
Màriwò Sessu - SP, Cientista
Social (PUC-SP) e Doutorando em
Antropologia Social (FFLCH-USP).

“De fato, é mais cômodo ceder às facilidades da mídia, adotar construções teóricas cujos contornos já sejam conhecidos. Mas como toda endogamia, esta tem seus limites, e seus perigos já começam a ser apreciados. O principal deles é ficar-se, cada vez mais, desconectado da realidade da qual se deseja dar conta. Está entendido: nada mais resta a esperar do saber já estabelecido. Sem distinguir tendências, ele vinculou por demais sua causa ao exercício do poder. E mesmo criticando-o, ficou-lhe por demais contradependente. O interesse, agora, está noutro lugar.”

Michel Maffesoli

Clarice do Amaral, Mãe Sessu, nasceu em 27 de outubro de 1936, às três e dez da madrugada, na Fazenda Cachoeira, na cidade de Jaboticabal, interior de São Paulo. Ela diz que o fato de ter nascido neste horário faz com que trabalhe de dia e de madrugada, como o rio Ogun, casa de Yemoja, que nunca para de correr para o mar.

É filha carnal de José Claudino Liberato do Amaral e Maria Carolina Costa Amaral. Irmã, em ordem cronológica, de Aparecido Liberato do Amaral, Eurides Liberato do Amaral, Francisco Liberato do Amaral, Claudino Liberato do Amaral, Verginia Liberato do Amaral, José Claudino Liberato do Amaral, Maria Aparecida Liberato do Amaral, Helena Liberato do Amaral, Sidney Liberato do Amaral e Neiva Liberato do Amaral Vieira.

Com 3 meses, Clarice contraiu um problema nos olhos, que a deixou cega. Foi curada por benzedeiros.

Na infância, brincava de roda, pega-pega, nas cachoeiras e nas enormes pedras da região. Sua primeira lembrança religiosa aparece neste período: ela conta que todas as crianças da fazenda pegavam baldinhos feitos de lata de óleo e iam fazer novena para Santa Cruz, pedir para chover: Acho que fazíamos com tanta fé, com tanto amor que sempre chovia antes de terminar a novena. Nenzinha, como é chamada pelos irmãos, também foi filha de Maria na Igreja da fazenda.

Sempre era chamada para vestir os falecidos, ainda jovem, com cerca de quatorze anos, não tinha medo, era atirada: Ficava lá, conversando com o morto, dizendo: você

não pode ficar duro! Como vai enfiar a mão no paletó? E o morto obedecia. Um aspecto importante para os povos tradicionais de matriz africanas é a morte, com um ritual específico denominado àjèjé, onde, durante sete dias, a vida do falecido iniciado é lembrada, seus feitos, histórias e vivências, com muita alegria, festa, comidas e bebidas. Na fazenda, quando morria alguém, era uma festa, principalmente para as crianças, porque era um dia diferente, tomávamos refrigerante, ganhávamos doces, sorvete. Pra gente era uma festa.

Aos 15 anos, Mãe Sessu protagonizou um episódio marcante que revela seu temperamento pragmático: seu pai era alcoólatra, e tratava sua mãe muito mal depois da bebedeira, chegava a bater. Vendo isso, ela foi até a delegacia de Jaboticabal e explicou toda a situação para as autoridades. Foi encaminhada para o juizado de menores, que a tirou do convívio familiar, e foi morar com sua Tia Helena. O juiz alegou que as informações trazidas por ela eram mentirosas.

Durante este período, sua mãe lhe escrevia cartas dizendo que seu pai continuava a bater nela. Mãe Sessu juntou as cartas por um ano e voltou novamente ao juizado com as provas em mãos, diz: Ele mandou chamar meu pai e minha mãe, voltei ao convívio familiar e a brigaiada continuava.

Principalmente por conta destes conflitos familiares, dona Maria, mãe de Sessu, por intermédio de sua tia materna Bernadina, foi trabalhar numa chácara em Itapecerica da Serra, cujo dono era o pai baiano, cozinheiro, sacerdote de um conhecido terreiro de Umbanda, localizado no bairro da Vila Morais, na cidade de São Paulo.

Por incrível que possa parecer, Mãe Sessu ficou em Jaboticabal morando com sua avó materna, chamada por todos de mãe Gina. Nesta época, ela estava com 18 aos, e todo dia ia até sua casa para pegar os utensílios domésticos, roupas e pertences pessoais da família toda, para levar para Itapecerica da Serra.

As condições financeiras melhoraram minimamente e toda a família foi morar primeiro, na Rua Padre Machado na Vila Mariana, capital paulista, depois para a Vila Moares, onde hoje é o complexo rodoviário Maria Maluf, próximo ao terreiro de Pai Ismael.

Foi nesta casa e terreiro que ela trabalhou como empregada, onde estabeleceu sua primeira relação institucional com sua religiosidade: entrava em transe do caboclo chamado Vigia da Mata: O meu primeiro

caboclo já falava para mim que eu não ficaria muito tempo na Umbanda, que eu era do Candomblé.

Neste mesmo terreiro de Umbanda ela conheceu seu marido, Antônio das Neves Filho, que era babakékeré¹, braço direito do sacerdote e segundo na linha de sucessão. Em 1964, Mãe Sessu casou-se e passou a assinar Clarice do Amaral das Neves: Não tive muitos namorados, conheci meu marido com vinte seis anos e me casei com vinte e sete anos.

Neste momento, não posso deixar de mencionar duas importantes pessoas nestas lembranças, Ricarda Patrocínia Ventura – Ominaiâlê - e Sandra Regina da Silva -Olasedele, respectivamente iyákékeré² e iyábaşê³ do atual Ilé Àşè Pàlepà M̀ariwò Sessu. As duas acompanham Mãe Sessu desde aquela época, do terreiro de Umbanda de Pai Ismael: Ricarda porque sua mãe carnal, dona Tereza, e seu pai, Lourival, já frequentavam o terreiro de Ismael, e Sandra é sobrinha consanguínea de Antônio das Neves Filho e filha de Laura das Neves, iyákékeré de Pai Ismael e de Manoel Porfírio da Silva, filho-de-santo daquela Umbanda. Elas são as únicas do nosso convívio que viram Mãe Sessu com seu caboclo, e sem seus cabelos. Dizem: Ela tinha um cabelo liso e até a cintura.

¹ Literalmente “pai pequeno”, segundo na cadeia de comando, braço direito do sacerdote-chefe.

² Literalmente “mãe pequena”, segunda na cadeira de comando, braço direito dasacerdotisa-chefe.

³ Literalmente “mãe que cozinha”, encarregada pelo preparo dos alimentos de todos os òrìşà.

Casada, mãe Sessu foi morar com seu esposo na Rua Fagundes Filho. Permaneceu na Umbanda durante quinze anos, mas estava sempre desmaiando, em qualquer lugar, na feira, em mercados, lojas, na rua. Ela conta que, certo dia, desmaiou e ninguém conseguia fazê-la voltar a si. Foi levada, às pressas, ao Pai Ismael, e ele disse que não podia ajudar, não estava ao seu alcance, que era para procurar um Candomblé. Foi muito polêmico, como a esposa do babakékeré iria sair do terreiro de Umbanda e se iniciar em outro lugar?

Ainda na Umbanda, Mãe Sessu procurou um sacerdote da nação jejê, chamado Pai Eurico de Yemoja, em Campo Limpo Paulista. Fez um ebo⁴ e um jogo de búzios e o sacerdote disse que, quando fosse se iniciar, fizesse algumas obrigações da religião jejê-fon.

Com três filhos: Antonio das Neves Filho – Okambi – atual pegigã⁵, responsável pelos cuidados diários aos assentamentos dos òrìṣà, Patrícia das Neves Martines – Adesoji – atual òyálàṣe⁶, sucessora do terreiro e Ronaldo das Neves, nesta época respectivamente com 6, 4 e 2 anos de idade, Mãe Sessu iniciou-se com o padrinho do seu primogênito o Babalorìṣa Obadomeci, Pai Jerônimo de Xangô e òyálorìṣa

⁴ Sacrifício ou oferenda.

⁵ Responsável pela manutenção materiais na comunidade-terreiro. Termo jejê que literalmente é “pessoa de importância”.

⁶ Literalmente = mulher/mãe do poder. Em nossa comunidade é a sucessora da òyálorìṣa.

⁷ Informação recolhida com o Pegigã Paulo de Becen.

Anidetomi, Mãe Dalva no terreiro de nome Asé Ilé Aláàfin Isé⁷ localizado ao lado da ponte pênsil da cidade de Santos.

Iniciada, trabalhava vendendo roupas, perfumes e outras coisas com os filhos pequenos e viajava para a cidade de Santos toda semana. Em seu barco de iniciação⁸ estava uma filha de Ògún, Taiodê. Sua Ojubona também foi uma filha de Ògún, Onikauí. São amigas até hoje, e frequentemente vão às obrigações de Yemoja. Mãe Sessu conta histórias daquela época: Uma ajudava a outra. Nós somos irmãs. Cada uma tinha um afazer, se eu não podia passar a roupa elas faziam. E eu vice-versa, temos companheirismo.

Lembrando de sua iniciação, diz: Hoje é tudo mastigadinho. Naquele tempo tínhamos mais fé. Ficávamos noites sem dormir para trabalhar no dia seguinte. Hoje o pessoal é muito mole.

No terreiro de seu pai Obadomeci, ela sofria muito com sua mãe-de-santo, que a maltratava bastante. Atendia clientes, eram feitos trabalhos para Èṣù, com farofa, velas e outros apetrechos.

Em 2009, pude presenciar, pela primeira vez, depois de 40 anos, ela fazer este ebô. Eu já tinha missão, sabia disso,

⁸ Barco de iniciação é o nome dado ao grupo de pessoas que passam pelos rituais de iniciação juntos.

era cobrada por isso. Iniciada, eu queria aprender tudo com meu pai-de-santo, não tinha apostilas ou cursos, aprendíamos olhando. Ele não gostava, era muito ciumento, brigava bastante comigo por isso, mas eu nunca respondi, nunca olhei meu pai- de- santo nos olhos, sempre de cabeça baixa.

Por conta destes conflitos, Mãe Sessu saiu do terreiro de seu pai-de-santo e iniciou o processo de construção do seu próprio espaço religioso. Esta decisão revela muito de sua personalidade, sempre autônoma, buscando independência total.

Em 1977, Mãe Sessu e seu esposo, Pai Jacindê, foram para o terreno onde atualmente encontra-se o Ilé Àṣe Pàlèpà M̀̀rìwò Sessu, na Pedreira. Começaram onde hoje é a cozinha da comunidade. E, pouco a pouco, foram construindo as outras dependências. Concomitante à construção física, Mãe Sessu procurou Justiniano Maia, Pai Ogunjobirê⁹, nigeriano, seu avô de santo que tinha um terreiro na baixada fluminense, no Rio de Janeiro. Ele é um dos seis Aramefá¹⁰ da Casa Branca do Engenho Velho da Federação – BA durante o comando de Iwin Dejà (Maria Deolinda), conhecida também como Oké. Eu viajava para o Rio de Janeiro a cada três semanas, ele já era muito velhinho, não podia vir aqui, com 90 anos, aprendia tudo e

⁹ Ògúnjóbíre, nome yorùbá do avô de Mãe Sessu.

¹⁰ Aramefá ou iwarefá, conselho de importantes homens do culto ogboni.

escrevia e replicava na minha casa. Está casa é de Yemoja, mas o chão é de Ògún, por conta de meu avô-de-santo.

Das poucas vezes que Pai Ogunjobirê foi para São Paulo, podemos contar uma bonita história: a lembrança do assentamento do àjobo¹¹ do Èsù Yangí, que até hoje está do lado esquerdo do portão de entrada do terreiro. Aquela representação material de Èsù foi plantada pelo próprio Ogunjobirê com o auxílio de Mãe Sessu. Quando o ritual findou, ele pediu para que todos saíssem dali, queria ficar sozinho. Falando em ioruba, Ogunjobirê afrontou Èsù, para ter certeza que ali era sua morada, passaram-se horas e ele ali a conversar e afrontar Exu. Em determinado momento, ouviu-se um tombo, uma caída. Lá estava Pai Ogunjobirê, estatelado no chão, na frente de Yangí dando risadas. Segundo Mãe Sessu, ele disse: Minha filha, agora sim, Èsù está aqui com toda certeza.

“Eu deixei minha vida lá fora, de passeio, de tudo, só para viver para o orixá”, fala Mãe Sessu. O abandono da vida social abrangente, do trabalho formal na Rhodia e o fato de instalar sua residência pessoal ao lado do terreiro para poder se dedicar exclusivamente à sua função religiosa é um marco diferenciador das novas gerações de sacerdotisas do Candomblé paulista. Ao participar da pesquisa A Religião da Diáspora Negra:

¹¹ Assentamento e representação material coletiva.

Continuidades e Rupturas, coordenada pela Professora Doutora Teresinha Bernardo na PUC-SP de 2001 a 2003, entrevistei as mais antigas mães-de-santo de São Paulo e todas, sem exceção, fizeram a mesma coisa que Mãe Sessu. As sucessoras destes terreiros já atuam de outra maneira, não estão mais vivendo no espaço físico religioso, não abandonam mais seus empregos.

Um dos elementos mais importantes do Candomblé é o poder feminino e, segundo uma antiga sacerdotisa paulista, tem como causa o fato da mulher ter mais axé, porque ela tem mais dignidade espiritual¹². Nas palavras de outra sacerdotisa: A sensibilidade da mulher é muito grande. Só a mulher pode parir. A iaô é um filho, há necessidade que seja mulher¹³. A esse respeito, Teresinha Bernardo diz: “Na verdade, a mulher simboliza a Terra-Mãe, portanto representa a continuidade (...)”¹⁴, continuidade sacerdotal, melhor dizendo, sucessão que ocorre de mulher para mulher. Ainda segundo Bernardo: “As relações da mulher negra no Brasil remontam sua história na África”¹⁵, portanto, esta autonomia da mulher no Candomblé vem da África, passa pela colonização, onde a mulher negra, por exemplo, compra a alforria de seu companheiro, passa pela Lei do Ventre Livre, onde somente ela e seus filhos se constituíam como família, estrutura remontada hoje no Candomblé.

¹² Entrevista recolhida entre 2001 e 2003 na pesquisa intitulada Continuidades e Rupturas a religião da Diáspora Negra do PEPG-PUC-SP.

¹³ IBIDEM.

¹⁴ BERNARDO, Teresinha. Axé: rupturas e continuidades. São Paulo; revista Margem, 1997.

¹⁵ IDEM. Memória em Branco e Preto. São Paulo, EDUC e UNESP, 1998.

Em vários mitos a que temos acesso, principalmente os recolhidos por Pierre Fatumbi Verger, encontramos várias referências às disputas de gênero entre os chamados òrìṣà: Obàtálá e sua esposa Iemu, as Ìyámi e Òrúnmilà, Obà e Ògún entre outros. Afinal, não é este duplo metamórfico, está dinâmica geradora que produz e conduz a vida?

Esta dinâmica feminina, de mulher, mãe, sacerdotisa, é levada ao pé da letra no terreiro de Mãe Sessu, que diz: Porque mulher toca couro, faz comida, dança, quina folha, tem filhos, ela tem tudo que dá para o Candomblé. O Candomblé dela é matrilinear e matrifocal, todos os aspectos religiosos, administrativos e sociais passam pelo crivo da sacerdotisa, inclusive em relação aos cargos e postos mais altos. Os tocadores de tambor e imoladores sagrados não são chamados de “Meu Pai” e as assistentes ekede ¹⁶ não são chamadas de “Mãe”, como é comum em várias comunidade-terreiro. Mãe no egbé ¹⁷ de Sessu é ela e os òrìṣà, mais ninguém.

Se, por um lado, manter a tradição é importante, por outro notamos uma dependência social-administrativa dos iniciados com Mãe Sessu. Iniciados literalmente na barra da saia. Neste caso, os aficionados por arquétipos fechados de òrìṣà acertaram. A grande saia de espumas borbulhantes

¹⁶ No Brasil, mulher que não entra em transe auxiliar dos òrìṣà e sacerdotes.

¹⁷ Sociedade, comunidade, associação.

de Yemoja tem todos seus filhos peixinhos pendurados.

Do ponto de vista religioso, este estado de dependência é fundamental, em qualquer terreiro é assim, afinal a sacerdotisa-chefe é a única que concentra a maioria do arsenal simbólico e numinoso para a manutenção da energia vital, o chamado àse.

Mãe Sessu aplica a centralidade religiosa que Ihe é de direito, no entanto, diferente da maioria no Candomblé, ela ensina seus iniciados, não em formato de aula expositiva, mas na prática. É comum vê-la ensinar formas de fazer pratos sagrados, chás, utilização de ervas e até mesmo a jogar nós de cola – obì – para filhos com mais de cinco anos de iniciação. Os chamados fundamentos, estes não, só algumas ègbón¹⁸ têm acesso a estas informações, bem como em relação aos processos iniciáticos. Diz: Só entram realmente aqueles que já foram iniciados e os que serão necessários para cumprir o ritual. Iniciação não é jogo de futebol, mas sim um verdadeiro parto.

Diferente de muitos espaços religiosos do Candomblé daquela época, em 1979, este foi fundado por um estatuto social e obtenção de um Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ, a Roça Ala Ketu Ilê Axé Palepá Mariwo Sese.

¹⁸ Literalmente = irmão(ã) mais velho(a). No Brasil são os Iniciados com mais de sete anos com “obrigação” feita.

Hoje ainda temos templos sem registro jurídico, assim como racismo contra o Candomblé. Constantemente, temos que trocar os vidros da janela do barracão, quebrada por pedradas vindas da rua. Nas palavras de Mãe Sessu: Há quarenta anos atrás era difícil, as pessoas não tinham entendimento do Candomblé, se é que têm hoje, éramos entendidas como bruxas. Falavam: “religião primitiva!” Como se nós matássemos gente.

Daquela época, poucos vizinhos continuam morando na Rua das Baunas e até mesmo no bairro da Pedreira, a rua que há trinta anos era de terra, com muitos terrenos, um grande matagal. Em 2009, tem sobrados e casas emparelhadas, asfalto, poucas árvores e áreas verdes. De longe os canteiros e enormes palmeiras do terreiro destoam na paisagem urbana da rua.

Na relação entre o terreiro e os moradores do bairro, só houve maiores problemas no início. Mãe Sessu: O vizinho lá de trás era terrível. Ficávamos tocando de madrugada, fazendo as coisas, e ele ficava batendo na parede, socava o muro e dizia: “Ah! Sua velha, acaba com esta macumba aí...” E outros palavrões.

As festas públicas começavam às 20h e acabavam

na madrugada do dia seguinte. Neste período, depois da festa dos òrìṣà, havia toques para caboclos. O chamado barracão, onde ocorrem as festas públicas, era dividido ao meio por uma mureta baixa, onde, enfileirados, ficavam os pesados bancos de madeira por onde os convidados assistiam ao espetáculo sagrado, um formato de teatro italiano.

O primeiro barco de iniciados por Mãe Sessu, em 1980, era composto por um filho de Òsòṣì e uma filha de Òsun. O ìyàwó¹⁹ de Òsòṣì não permaneceu no terreiro, a ìyàwó de Òsun é hoje a ìyákékeré da casa. As filhas-de-santo usavam sete saias e anáguas engomadas. Na parede onde ficavam as cadeiras dos sacerdotes havia dois painéis de pisos com as imagens de São Jorge e Iemanjá, branca, com seus longos cabelos negros.

Em 1983, Mãe Sessu ingressou no curso de Ioruba na ACACAB – Associação Casa de Cultura Afro-Brasileira, na USP. O espaço das aulas ministradas por bolsistas nigerianos sobre a língua africana era também um local onde diversos religiosos do Candomblé se encontravam para aprender sobre outras formas do culto aos orixás, rezas, cantigas, signos divinatórios, entre outros tantos assuntos, e vistos por estes sacerdotes como um conhecimento aparentemente vindo diretamente da fonte, a África.

¹⁹ Literalmente = Esposa. No Brasil, recém-iniciados e nome pelo qual os iniciados serão chamados até completarem suas “obrigações” de 7 anos.

²⁰ SILVA, Vagner Gonçalves da. Orixás na Metrópole. Petrópolis, Vozes, 1995.

De acordo com Vagner Gonçalves, esse curso, que teve sua primeira turma em 1977, tem sido um ponto de convergência para a maioria dos religiosos engajados no processo de reafrikanização²⁰. Foi neste espaço que Mãe Sessu encontrou Aulo Barretti Filho, Sandra Medeiros Epega e Gilberto Ferreira, sacerdotes da religião dos òrìṣà.

Foi Aulo Barretti Filho, Baba ²¹ Ode Kitálesi que também, nos anos 80, criou a FUNACULTY – Fundação de Apoio a Cultura e a Tradição Yorubana no Brasil, espaço onde Mãe Sessu fez cursos ministrados por ele. Foi também neste espaço e por intermédio de Sandra Medeiros Epega que ela conheceu Armando Vallado, Baba Akitunde. O grupo que deu continuidade à chamada reafrikanização estava formado.

Notadamente, estas relações de Mãe Sessu foram um divisor de águas para o Ilé Àṣe Pàlepà Màrìwò Sessu, os toques para caboclo terminaram, as filhas-de-santo e os òrìṣà não usariam mais saias engomadas, as imagens sincréticas saíram da decoração do barracão, inúmeros outros pequenos rituais religiosos sofreram complementação, como não haver mais velas acessas no espaço da iniciação de novos filhos. As muretas de teatro italiano saíram do barracão, dando lugar a uma disposição de teatro de arena.

²¹Literalmente “papai”, no caso corruptela de babalorìṣà.

Para Mãe Sessu, esta reafrikanização não significou a busca da pureza perdida ou simplesmente formas de arrancar do Candomblé traços do cristianismo, mas sim complementar, usar novos conhecimentos aprendidos em sua vida religiosa. Afinal, os fundamentos ensinados por Obadomeci e Ogunjobirê continuam a ser aplicados até hoje.

Além da forte amizade de Mãe Sessu com os sacerdotes da reafrikanização em São Paulo, ela levou sua filha Patrícia das Neves, em 1985, com 17 anos, para se iniciar com Aulo Barretti no Ilé Àse Ode Kitálesi.

Reza no Candomblé que uma sacerdotisa não pode iniciar seus próprios filhos carnis. Patrícia não completou um ano na casa de seu pai espiritual, Mãe Sessu buscou os assentamentos e a trouxe para seu terreiro, além de fazer suas obrigações de um, três, sete e quatorze anos de iniciada. Patrícia seria mais tarde Ìyá Adesoji, a sucessora a partir de 1999.

Mãe Sessu não iniciou sua filha carnal, mas iniciou seu filho consanguíneo mais velho, Antônio das Neves Filho – Okambi, para Òṣàlúfón. Mais uma prova de saber o quer, de saber o que faz. Ainda hoje, críticas

sobre a feitura de Okambi são disseminadas pelos terreiros de São Paulo. Mãe Sessu diz: Meu filho, olha aí, está vivo, forte, me acompanhando no terreiro. Não morreu, nem me matou como disseram antigamente.

Em 1986, Mãe Sessu separou-se de seu marido Pai Jacindê. Ele continuou atendendo, toda segunda-feira havia filas enormes em frente ao terreiro, onde as pessoas buscavam falar com o Caboclo Boiadeiro. Ele morou em uma casa ao lado do templo religioso até 1992, quando houve de fato a separação judicial entre eles. Pai Jacindê foi morar no interior de São Paulo, na cidade de Garça, junto com uma de suas irmãs consanguínea.

Após a separação, o terreiro entra numa nova fase. Diversos filhos iniciados foram embora, inclusive os administradores e a sacerdotisa-chefe assume a direção completa e plena do terreiro.

Com o passar dos anos, foram criadas várias medidas para a nova administração financeira, como: lista de rateio, ou até mesmo o acúmulo de contas para um ou outro iniciado. Mãe Sessu financiou do próprio bolso inúmeras atividades religiosas e administrativas, lembrando que sua

única fonte de renda era o jogo divinatório de búzios.

Com todas as interferências da metrópole, a comunidade-terreiro não diminuiu o período de iniciação, não cobrou de seus iniciados o chão dos seus assentamentos, não desobrigou seus filhos de frequentarem cotidianamente o terreiro, não fechou as portas das casas dos òrìṣà para aqueles que não pagam suas mensalidades. Nós investimos na pessoa, no ser humano, não em bens materiais, afirma Mãe Sessu.

Entendendo tradição como um ato de comunidade, ela tem hoje centenas de afilhados e afilhadas em vários terreiros do Estado de São Paulo, que a procuram quando necessitam. Comumente convida seus amigos sacerdotes para vestirem seus filhos em festas públicas no terreiro. O olúbàjẹ, festa do rei dono da terra Obalúàyé e de sua família há alguns anos, tem a honra de vestir os filhos de Janaina de Ogum quando falta um iniciado de Obalúàyé em nosso terreiro.

Em muitos terreiros, é incabível fazer uma festa pública e não ter seu próprio filho-de-santo em transe. Alguns pesquisadores e iniciados acham esta atitude um tanto estranha; não entendem como um terreiro deste tamanho não tem aquele ou este òrìṣà para dançar em festa pública.

Compreendemos esta ação como um intercâmbio entre comunidades amigas, como um estreitamento de relações, coisa que já não existe com tanta frequência nos terreiros paulistas. A noção de comunidade é outra. De acordo com Mãe Sessu: O importante é cultuar os orixás, se não tiver um filho de Oxumarê eu não vou fazer o olubajê? Não! Vamos fazer sim, a energia dele vai estar ali, conosco.

Este pensamento comunitário e familiar está no dia-a-dia da casa de Sessu, não só com seus amigos de religião: em 2005 tínhamos cerca de 30 pessoas, sendo 4 *ègbón*, 5 *ògá*, 1 *ekede*, e 20 *ìyàwó*; em 2006, o terreiro possuía 17 filhos iniciados com mais de 18 anos de idade. Essa aparente pequena quantidade de iniciados torna a relação mais familiar, do jeito que Sessu gosta. Ela faz questão de saber de tudo da vida de seus filhos peixes, isso para alguns é invasão de privacidade, mas para ela é o sentido de cuidar, de proteger, de ajudar.

Em 2008, a pedido de Yemoja, o terreiro voltou a fazer um toque mensal para os Caboclos, eis que novamente o Caboclo Mineiro toma o corpo da sacerdotisa com 72 de idade. Alguns filhos-de-santo são contrários a este retorno, mas, obedientes à sua Mãe, continuam a cultuar

os caboclos. No início de 2009, os toques acabaram.

O ano de 2009 foi marcado pelo cansaço físico de Mãe Sessu, após 30 anos de atividade. Sua enorme vontade de pegar um grande alguidar cheio de milho cozido e assentar aos pés de Òsòòsì, seu segundo orixá, não é mais possível. Suas dores nas costas não a deixam. Mesmo assim, a continuidade permanece, sua cabeça, cada vez mais sábia, mais ligeira, mais astuta.

Seu cansaço, bem como o falecimento de Toy Vodunnon Francelino de Xapanã, em 2008, foram muito marcantes para ela: Eu tinha uma grande pessoa que eu conversava muito, eu brigava com ele e ele comigo, nossa amizade era sincera, podíamos falar de tudo, ia visitá-lo, ele vinha aqui. Era o Babá Francelino. Hoje não tenho mais. Esses fatos fazem com que ela tome uma decisão: adquirir uma casa na cidade de Andradas, em Minas Gerais, cidade onde seu filho consanguíneo caçula Ronaldo vive com sua esposa e filha.

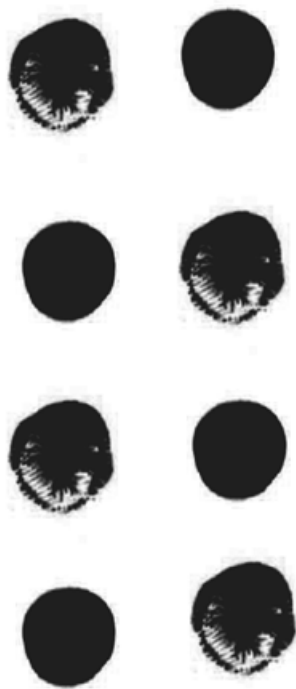
Mãe Sessu vai fechar o terreiro!, dizem os filhos-de-santo e o povo do Candomblé. Grande engano! Em dezembro de 2009, ela construiu sua tão sonhada casinha

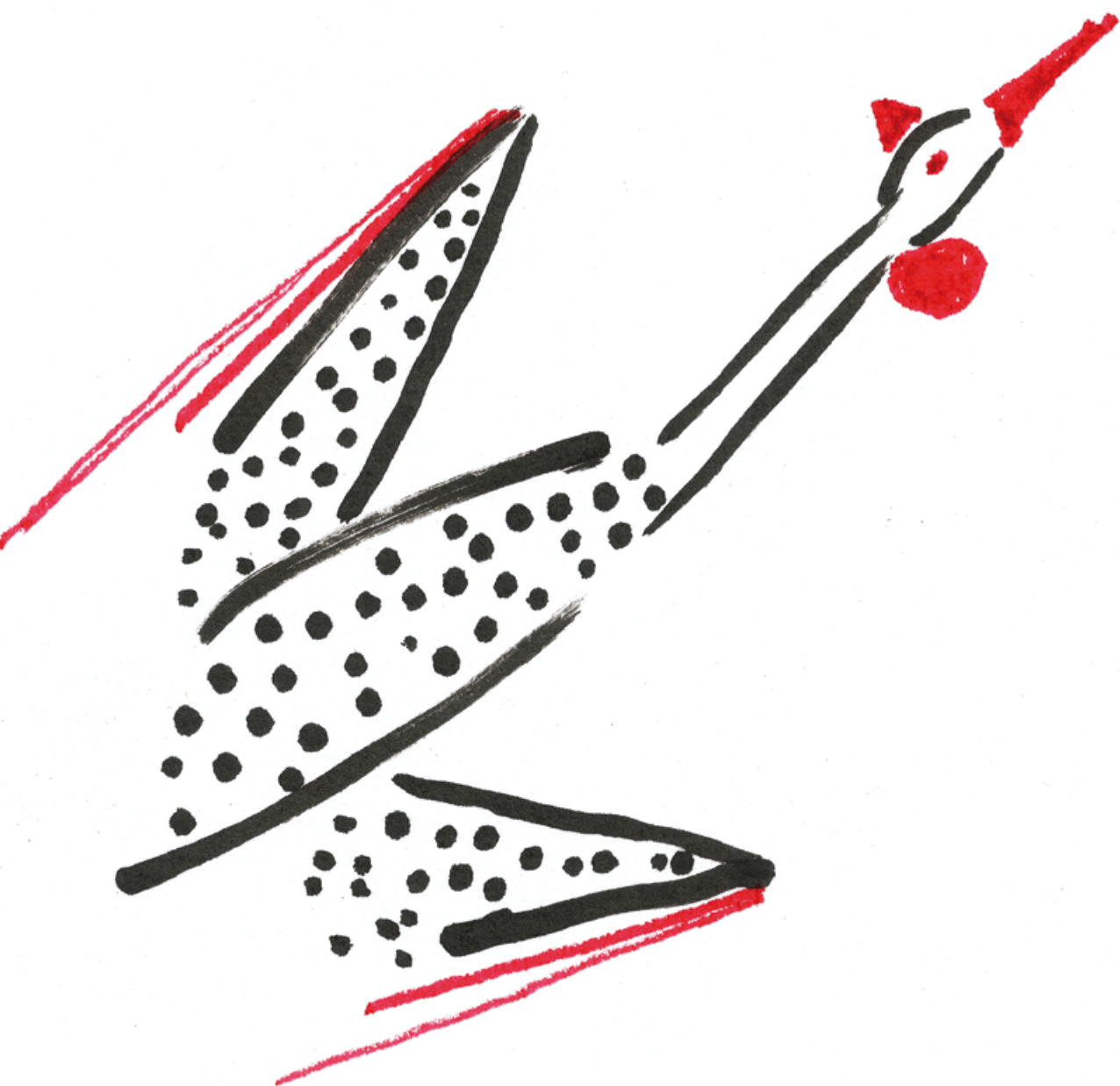
de campo, numa cidade pacata e tranquila, para descansar. Em janeiro de 2010, na primeira sexta-feira do ano, ela estava em São Paulo para encaminhar os rituais das Águas de Òsàlúfón, duas semanas depois fazer a obrigação de um ano da sua mais nova iniciada, filha de Ògún.

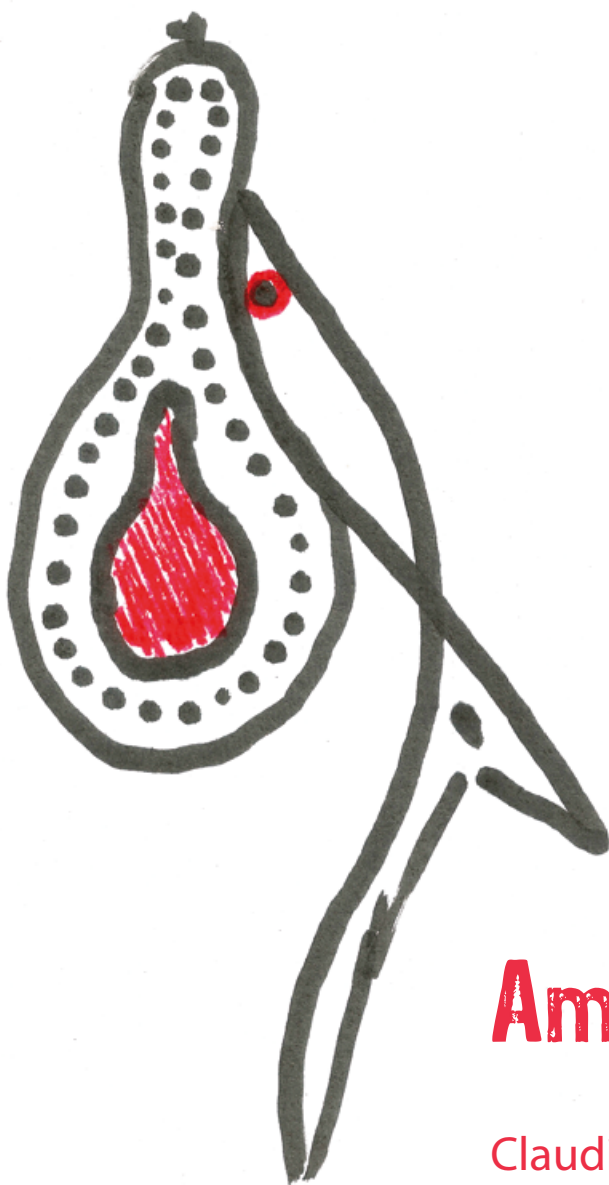
Com alegria e amor, agora entre Minas e São Paulo, essa história continua. Com paciência ou sem, a sacerdotisa-chefe continua sua saga em prol dos seus filhos, amigos, sobrinhos. Yemoja Sessu se mantém derramando leite sagrado, continua a bradar seu nome, continua jogar búzios.

Prostrados com a barriga e a cabeça no solo, em sinal de respeito e reverência, não submissos, como sua história nos ensinou, pedimos que continue assim. Sua força, ética e dignidade nos inspiram a continuar a tradição dos òrìṣà, mesmo nos difíceis dias de hoje.

Minha avó, Mãe Sessu, assim como o de Obà, teu nome e sua história estão escritos na minha pele e no meu coração. Cada gota de suor da minha mente, que ninguém vê, tem seu cheiro, ardido e fortificante. Enquanto este odor pairar seu nome, ele vai cheirar.







Amigo-de-Santo

Claudio Zeiger *

* Amigo do Ilé Àse Pàlepà
Màriwò Sèsu , fotografo
amador e arquiteto.

“Alguns pensam que para se ser
amigo basta querê-lo, como se para se
estar são bastasse desejar a saúde...”

Aristóteles

Numa sociedade como a ioruba, um nome
carrega grande significação, pois define a relação entre
o indivíduo e a sociedade, seja ela formada por humanos
ou deuses. Conhecer o seu orukó (alcunha) viabiliza, em
grande parte, estabelecer esse contato com o grupo.

Nas cerimônias conhecidas por Isomoloruko, nas quais
uma criança é batizada oito dias após o seu nascimento, os pais
procuram quais seriam as palavras cujo sentido possa qualificar
melhor e propiciar os predicados que buscam no filho que chega
para sua família. Este é um assunto longo e repleto de sutilezas.

Procurei no dicionário português-ioruba qual
seria um bom nome para qualificar a minha posição
dentro dessa comunidade que me acolheu com tanto
carinho e respeito. Deparei-me com duas palavras, Egbe
referindo-se à sociedade e Ore referindo-se à amizade.

Quando falo em Egbe, penso na dimensão que esse
termo reporta. Há muito assunto envolvido em uma casa de

candomblé, parte do qual conheço e parte do qual desconheço. O meu envolvimento com essa religião é confortável, pois não sou iniciado e nem faço parte do axé, por opção própria e consentimento da ialorixá. Por isso nunca me atrevi a jogar búzios, para saber se o meu orixá pedia alguma participação, e nem mesmo sei qual é o nome desse orixá.

O meu envolvimento está bem melhor expresso pela segunda palavra, Ore. É esse o meu verdadeiro vínculo com o Egbê. Quando falo em ialorixá, sou específico, pois me refiro a uma em particular, com quem estabeleci grandes laços de amizade e carinho, Iya Sessu, de quem guardo a maior estima.

Foi graças a esta amizade que fui introduzido e aceito dentro da sua comunidade. A simpatia imediata que tivemos um pelo outro propiciou e tem garantido a minha permanência no Egbê, como amigo da casa. E tal como acontece nas verdadeiras amizades não existe cobrança de nenhuma das partes. Por esse motivo a minha relação com a comunidade tem sido saudável e duradoura.

Conheço bem o território por onde posso circular e não me intrometo naquilo que não me cabe ver ou saber. Com isso acredito que também conquistei

a amizade dos filhos da casa, sendo aceito dentro do grupo. A afinidade com os membros dessa sociedade foi tão importante quanto a que tive com a ialorixá.

Fui aceito para participar de tudo aquilo que se considera público dentro de uma casa de axé, fazendo bons amigos e não sentindo em momento algum o estranhamento de nenhuma das partes.

Além disso fui adotado por essa gente do Candomblé que me trata com simpatia e que sabe brincar com o fato desse gringo-brasileiro ser amigo-de-santo ao invés de filho-de-santo.

A familiaridade com o grupo foi desenvolvendo-se gradualmente durante essa década, com grande descontração de ambos os lados. Nessa casa onde me chamam pelo orukó que eu mesmo me dei, Claudiomí, sou considerado um membro honorário. Esse é um exemplo da cordialidade que atingimos e que nos permitiu brincar livremente, evitando qualquer moralismo, mantendo o devido respeito com tudo o que se refere ao sagrado, e foi esse senso de humor que sempre empregamos para tornar leves as nossas diferenças.

Acho importante ressaltar que a segurança e inteligência da zeladora de santo permitiu a todos

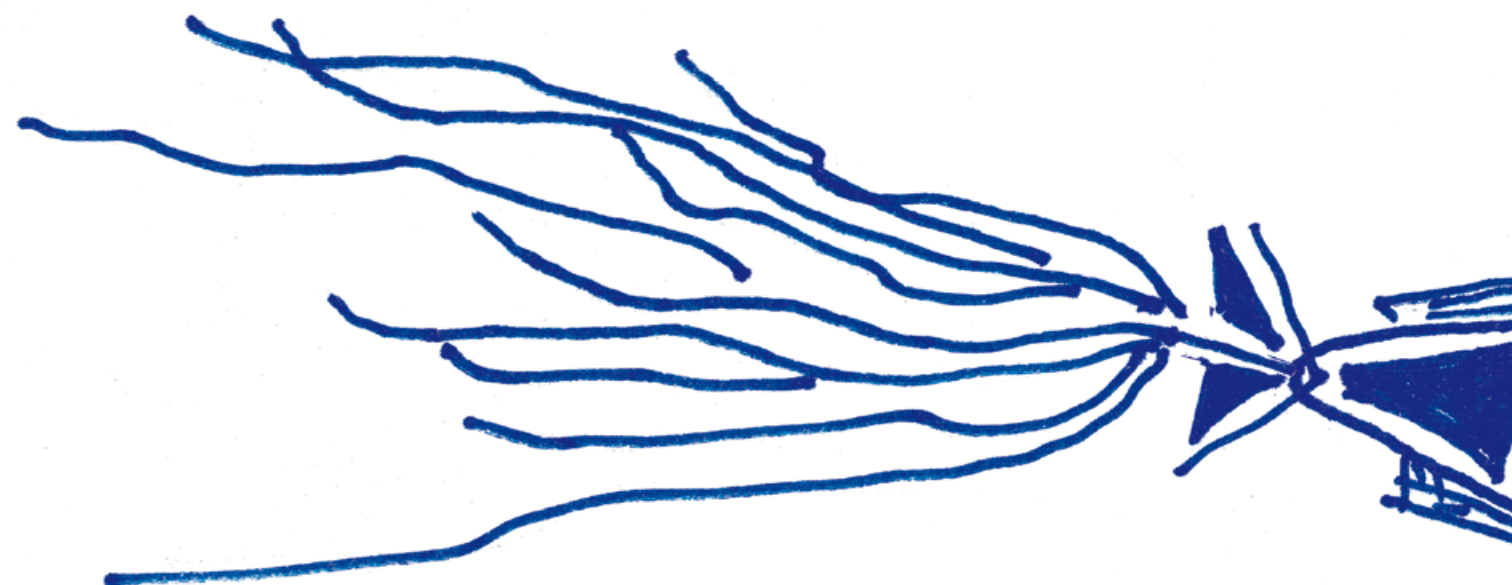
compartilharem desse clima amistoso. É indiscutível a atração que sinto pela religião do Candomblé, porém isso não teria sido tão compensador se não houvesse esse clima de Ore, uma real amizade com a casa.

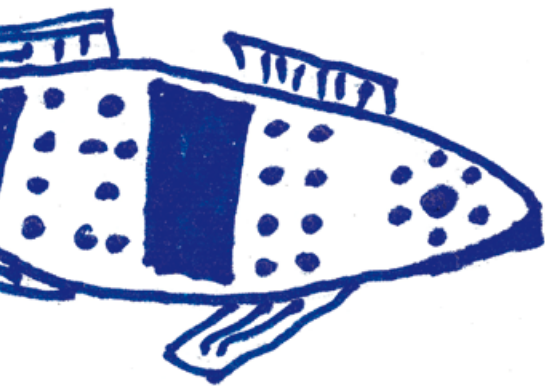
Foi devido à minha paixão de amador pela fotografia, que acabei por tornar-me uma espécie de fotografo das festas e não mais aquele observador curioso que tira vantagens de seus registros. Na realidade eu nem conseguiria me colocar nessa posição de turista, dentro de um ambiente tão acolhedor aonde sempre houve um consentimento e até mesmo um estímulo para que minhas fotos fossem clicadas.

Através das fotos que fiz nesses quase dez anos, pude registrar todos os ciclos de nascimento, vida e morte. Acompanhei o crescimento e o desenvolvimento dos amigos e do meu também. Nessa troca que a amizade favorece, creio que dei um pouco de mim e também recebi o meu quinhão. Foram sempre momentos em que reinou alegria e afeto e, sobretudo amizade e amor.

Meu sincero agradecimento ao
Ilê Axé Palepá Mariwô Sessu.

Claudiomi





Palavras do filho do guerreiro

Armando Vallado *

Faz alguns anos que não visito o Axé Palepá Mariô Sessu. Faz alguns anos que não encontro sua ialorixá, mãe Clarice de Iemanjá Sessu. Talvez por meu jeito arredio diante das festas públicas nos terreiros de candomblé, ou por decisão própria, fui me distanciando do povo de santo, o que não implica perder a amizade e até mesmo a cumplicidade que desenvolvi com alguns pais e mães de santo. Prefiro o anonimato, e me deixei ficar aqui, na Casa das Águas, terreiro que dirijo há mais de vinte anos.

A Casa das Águas talvez um dia tenha sua história contada por algum filho de santo mais apaixonado pela etnografia que deslinda o mundo do candomblé, mas hoje, como sacerdote e pesquisador do culto aos orixás, é meu tempo de contar um pouco da minha vivência e homenagear com minhas palavras a ialorixá Clarice de Iemanjá, ou Iasessu, como o povo de santo a conhece, e seu Axé Palepá Mariô Sessu. Nestes vinte e quatro anos de conhecimento e admiração por ela, sei que sou considerado por Iasessu como um filho de santo “distante e rebelde”, o que muito me lisonjeia. Não me tornei seu filho de santo ao longo dessas mais de duas décadas talvez pela história que o destino nos contemplou. Nesse tempo jamais escutei de sua sábia fala

qualquer insinuação para eu tornar-me seu filho de santo.

Fui iniciado há trinta anos por uma ialorixá que na época principiava um novo Axé. Anos depois me filiei à casa de uma senhora de Xangô – dotada de muitos conhecimentos rituais, mas com pouca paciência para lidar comigo. Mais tarde encontrei o Prof. Agenor Miranda Rocha, que me adotou como seu filho de santo até sua morte, em 2004.

Conheci lasessu em 1986, num sábado frio, num terreiro da zona oeste de São Paulo. Naquela noite, sua filha carnal Patrícia daria o nome de Oxum. De rara beleza, Patrícia nos encheu os olhos com seu orixá que bailou diante de nós e de sua mãe que, orgulhosa de seu rebento, permaneceu com toda sua majestade sentada numa cadeira de visita. Ela entregara a cabeça de sua filha carnal nas mãos do pai de santo daquele terreiro, seguindo um antigo preceito dos mais tradicionais terreiros de candomblé brasileiros, onde as mães de santo jamais iniciavam seus filhos carnaís entregando-os nas mãos de pessoas de sua confiança. Não houve a reciprocidade que lasessu esperava. Anos depois, em seu próprio Axé, lasessu assumiu dignamente a cabeça de sua filha Patricia, que recebeu o nome de Adesoji. Eu estava

lá e testemunhei sua humildade perante o orixá da filha.

Na época eu me encantei com lasessu, principalmente porque era de lemanjá, orixá pelo qual nutro respeito e amor, e sempre digo aos meus filhos de santo: sou de Ogum, mas sou eternamente de lemanjá. Essa admiração, em princípio, causou estranheza em minha ialorixá, que se via às voltas de realizar minha obrigação de sete anos, o meu decá. Insisti muito para convidar lasessú, pois eu a queria em minha festa.

Assim aconteceu.

lasessu foi com sua família de santo até a cidade onde se localizava o terreiro de minha mãe de santo. Deixou seu Axé, seus afazeres e foi homenagear Ogum, foi ver a mim. Fiquei feliz ao vê-la naquela noite, dançando e cantando em homenagem a meu orixá. É uma lembrança que me desperta até hoje uma gratidão sem fim. Afinal, lasessu encheu a festa de alegria, levou consigo seus alabes que tocaram e cantaram, tornando aquele toque inesquecível.

Meses depois, já como ebome, conheci o Axé Palepá Mariô Sessu. Fiquei encantado com o espaço do terreiro, a gentileza dos filhos de santo e a imensa alegria nos olhos de lasessu ao nos receber. Naquela noite, meu orixá dançou na

casa de Iemanjá e assim o fez em muitas outras oportunidades.

Esse fato nunca me preocupou, mas invariavelmente eu era reprimido por minha mãe de santo, que tentava despertar em mim a culpa em relação ao transe de Ogum num Axé que não era o dele. Naquela época e ainda hoje, percebo que é uma prática que pais e mães de santo utilizam, talvez por receio de perderem um ou outro adepto. Ora, penso eu que o orixá sabe o que faz em todas as instâncias. No meu caso, hoje posso entender que na época minha mãe de santo já percebia que nossa relação filial não andava bem. Eu tinha propósitos religiosos muito diferentes dos dela. O nosso rompimento ocorreu, mas saí de seu Axé levando muito conhecimento e gratidão pelo que recebi dela.

No mês de agosto de 1987 inaugurei meu terreiro, num pequeno sobrado localizado no bairro da Vila Mariana. O espaço era muito pequeno em relação ao tamanho da minha arrogância e pretensão como pai de santo. Antes de inaugurar a casa e iniciar minha primeira iaô, estive algumas vezes no Axé de Iasessu.

Pacientemente, Iasessu apanhou as folhas que eu necessitava para minha iaô, assim como me ensinou cantigas rituais. Presenteou a Oxum de minha filha de santo com

uma cabra e jamais esqueci a cena em que, arrastando a cabra por uma corda, lasessu veio caminhando quase um quarteirão até meu terreiro, trazendo a prenda. Em nada se abalou com o fato das pessoas olharem ou comentarem, afinal ela estaria presenteando Oxum, a primeira que nasceria no meu Axé. Portanto, as folhas que compuseram a esteira de minha iaô vieram do Axé de lasessu e até hoje canto as cantigas que aprendi com essa mãe de santo.

Iniciei outros filhos de santo e lasessu foi madrinha de nome de grande parte deles.

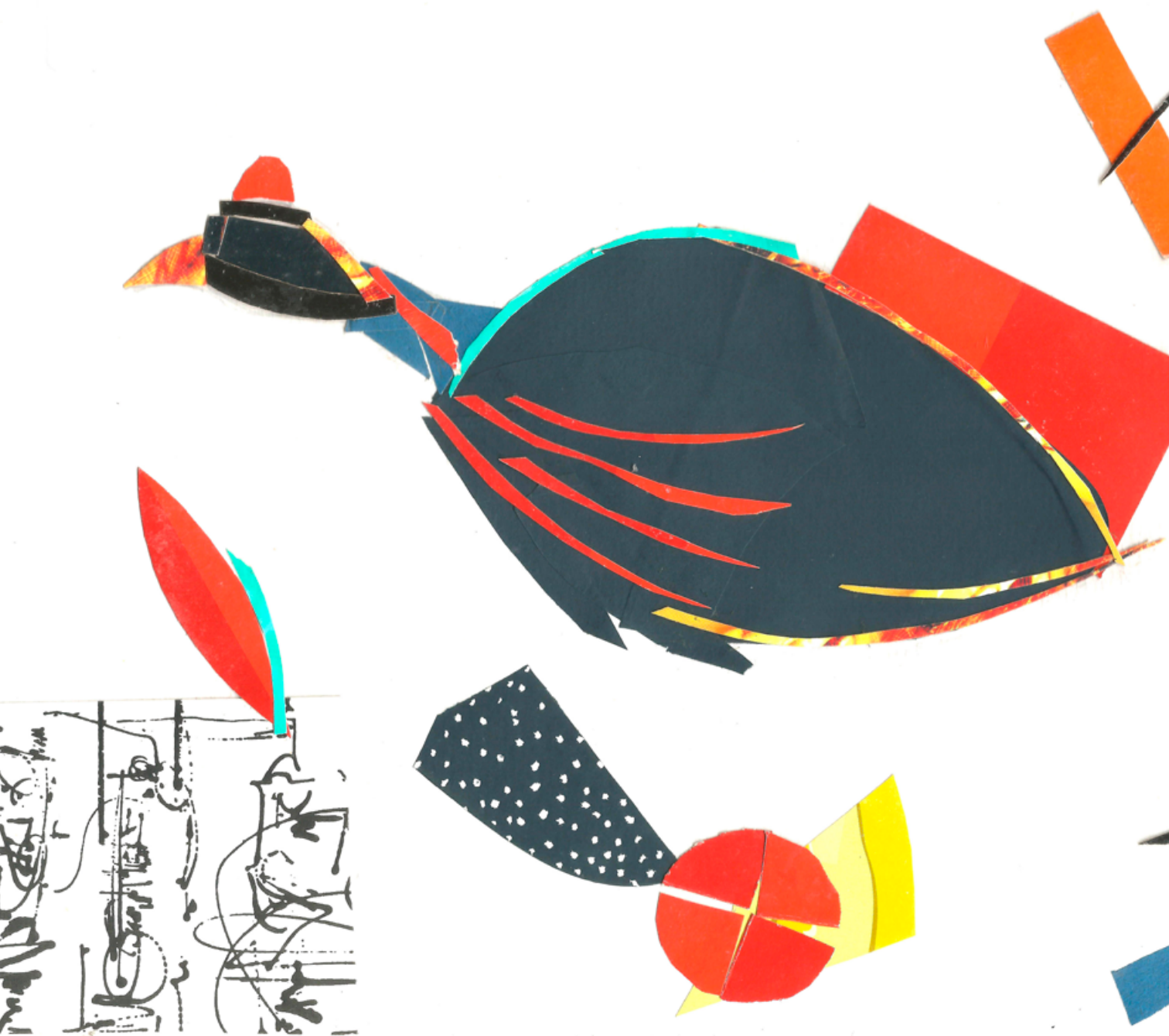
Aprendi a tocar as festas de meu candomblé indo às festas no Axé Palepá Mario Sessu. Ali me sentia completamente integrado à comunidade, assim como meus filhos de santo. Foram noites de sábado muito intensas, divertidas, mas, acima de tudo, rodeadas de axé, palavra que muito significa para os adeptos do candomblé.

Amadureci como sacerdote, minha arrogância e pretensão deram lugar ao entendimento de meu papel como dirigente espiritual e, em todas as vezes que me senti sozinho, era para lasessu que eu telefonava ou a procurava em seu Axé. Inaugurei dois terreiros num espaço de dois anos apenas, em ambas ocasiões lasessu

estava lá. Foi ela - juntamente com minha mãe carnal
- quem me conduziu a cadeira de babalorixá. Nas duas
situações, não tive o apoio de minha então mãe de santo.

Tenho saudades desse tempo. A memória é algo que
nos induz a avaliar o tempo. Tempo que passa rapidamente
aos nossos olhos. Assim, tenho saudades de dançar na casa
de lemanjá, de comer a “comida da casa de mãe” e receber
sua benção ao fim de tudo. Esse saudoso tempo não volta,
mas, como o mito, é cíclico - retorna ao passado, volta ao
presente, vai ao futuro e retorna ao passado – talvez um dia
eu bata à porta do Axé Palepá Mario Sessu e receba de sua
ialorixá o mesmo sorriso , o mesmo abraço, a mesma benção.

Os pensamentos voam, mas as mãos não. Diante
do meu laptop eu ensaio palavras para homenagear lasessu
e seu Axé, nos seus trinta anos de existência, o mesmo
tempo que estou iniciado para o orixá. No entanto, me falta
a rapidez para escrever as palavras que eu penso estarem
certas, do jeito certo e talvez eu tivesse que redigir laudas e
mais laudas, para contemplar com fatos todo o tempo vivido
no Axé de lasessu. Mas o faço humildemente, com poucas
palavras, carregado de emoção e plena consciência na fé
em lemanjá e ao meu respeito à Clarice de lemanjá Sessu.





Labirinto Achado, Acesso aos Guardados - Cantigas do Festival de Yemoja Sessu

José Lourival Ventura* e
José Pedro da Silva Neto

Encontramos várias cantigas de Yemoja em uma velha folha de papel, amarelada, fotocópia da original ainda datilografada com a marca do Ilé Àse Palepa Mariwo Sese, contendo uma estrela de cinco pontas ao centro e duas sereias nas laterais.

Este material esteve guardado durante alguns anos, em segredo, repassado somente para pouquíssimas pessoas com cargos mais elevados do terreiro.

As escrituras foram presenteadas à Mãe Sessu por Donato de Oxalá, asògún ¹ de Mãe Manaude (Julita Lima da Silva). Mãe Sessu repassou as cantigas para os irmãos consanguíneos asògún Absogun (José Lourival Ventura) e o onílù ² Ofaguere (Wilson Ventura). Eles eram conhecidos por cantarem e tocarem os mais belos ritmos aos deuses, verdadeiros “mãos de couro” e ficaram encarregados de colocar as melodias nas cantigas.

Eles contam: “Primeiro tivemos muitas dificuldades em achar algo que se encaixasse perfeitamente naquelas palavras, depois a dificuldade foi onde e como montá-las. Ficamos algumas horas olhando um para o outro ou lendo as cantigas.”

¹ Literalmente “adorador de Ògún”. No Brasil imolador sagrado, responsável pelos sacrifícios.

² Instrumentista sagrado, responsável pelos tambores, literalmente “dono do tambor”.

Os irmãos pegaram algumas panelas e caldeirões, e, depois de alguns dias, conseguiram compor as melodias e ritmos. Gravaram tudo em um velho gravador k7.

Nasceu uma obra prima, não escutada ou entoada desta forma em nenhum outro terreiro que conheci em São Paulo.

Donde vieram tais cantigas? Provavelmente retiradas do livro *Notes sur Le Culte des Orisa et Vodun à Bahia* ³, de Pierre Verger, xerocopiado por Donato de Oxalá no início dos anos 80 na biblioteca da FUNACULTY – Fundação de Apoio a Cultura e a Tradição Yorubana no Brasil, criada e presidida pelo Bábálórìsà Aulo Barreti Filho.

Mais uma vez, Pierre Fatumbi Verger proporcionou aos filhos de orixás a oportunidade de remontar ligações possivelmente perdidas, pelo menos para nós. É ainda Verger que, nesta mesma publicação, indica que algumas cantigas existiam em terreiros baianos. No nosso caso, ele fez também uma ponte entre nosso terreiro e a Bahia.

Tradicionalmente são entoadas na festa pública anual, no mês de maio, em homenagem a Yemoja. Os anos foram passando, e só aprendemos neste único dia, de maneira oral.

³ Publicado originalmente em 1957 pelo Instituto Frances da África Negra, em Dacar, Senegal.

Em 1999 foi publicada a primeira edição em português do livro Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns de Pierre Verger⁴. E lá estavam as cantigas do que chamamos em nosso terreiro de Roda de Yemoja.

Nesta comemoração anual, claro, entoamos inúmeras outras invocações, mais conhecidas pelos filhos de orixás.

Nossa proposta é registrar, mais uma vez, as letras desta Roda, simplesmente como forma de perpetuar aos novos iniciados a oportunidade de conhecer e replicar o conteúdo que, em si, nada tem de novo, mas nos parece inovador e importante.

Abaixo reproduzimos fidedignamente as referidas cantigas, tal publicada por Pierre Fatumbi Verger, com a completa concordância do professor Ildásio Tavares, que diz:

“Aproximar-se dos orikis mais longos é um risco, uma temeridade, uma cilada. Que, não obstante, não inibimos vorazes e incautos tradutores que, sem mesmo uma comezinha iniciação linguística invadem uma língua polissintética para transformá-la à mais exígua polissemia das línguas analíticas, sem sequer imaginar que entre estas existe o desfiladeiro das línguas sintéticas”.⁵

⁴ Publicado pela Editora da Universidade de São Paulo com a tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura.

⁵ TAVARES, Ildásio. Oriki Oyê Orukó in Faramairá – O Caçador Traz Alegria, Rio de Janeiro, Pallas, 2000, pág. 213.

Cantigas de Yemojá do Ilê Axé Palepá Mariwo Sessu

Ritmo: ijika ou ika

Todas as cantigas são perguntas e respostas.

Cantigas do Templo de Ibadan⁶

Omo fe se egbe wo Yemoja

Iya mi awoyo ma je li ewu

Criança que, em grupo, quer ver Yemoja

Minha mãe Awoyo é a maior do que
aquelas que têm roupas.

Iya ominihun

Iya orioye

Omo gbogbo nito olode

A o bo omo re

Mãe de crianças concebidas graças a Yemoja

Mãe (título)

Ela cria todas as crianças vindas de fora

Teu filho será alimentado

⁶ VERGER, Pierre.
Notas Sobre o Culto aos
Orixás e Voduns. São
Paulo, Edusp, 1998.

Bi o ni jó le jó oni Yemoja

Õgún iya ke olodo

Iya ki o fi ori mi bo mi ojaré

Ninguém consegue dançar como o povo de Yemoja

Talismã mãe gritar dona do riacho

Mãe que ela com cabeça minha cobrir a mim ser justo

Cantigas em Adja Wèrè ⁷

Are are are ni

Yeye wá se are ni

Yeye kò mò ija

Diversão, diversão, diversão ser

Yeye vir fazer diversão ser

Yeye não conhecer batalha

Yemoja ki o wá gbe ohun are

Yemoja ki o wá gbe ohun ayo

Yemoja que ela vir trazer voz diversão

Yemoja que ela vir trazer voz alegria

⁷ Idem.

Cantiga em Ouidah ⁸

Ki o Le ko ile ni je olowo Yemoja

Oba Oso ni se awoyo Yemoja

Bi ori agbo a jó Yemoja

Bi ori agbo ayo Yemoja

Ki li o pa adagan Yemoja

Õgún a wá ògún a yo obe

Yemoja pode apoderar-se da casa do homem rico

Xangô quer fazer awoyo Yemoja

Se Yemoja vê um carneiro, ela dança

Se Yemoja vê um carneiro, ela se alegra

Yemoja que matou adagan

Ela possui um talismã que salva da faca

⁸ Idem.

⁹ Idem.

Cantigas na Bahia ⁹

Basemi semi mi lomi lomi

Igi iyeye roko

Igi abata mi wi

Iya ni jó oo awa lù Yemoja

Mãe dançar

Iya wá njó oloromi ilu gbaja

Mãe vir dançar dona oferenda de água

Ori dori re a Yemoja ogun

Cabeça tornar cabeça sua

Awoyo ori dori re

Awoyo cabeça tornar cabeça sua

Yemojá ogun Asaba olodo

O fun mi lowo emi re li ndoye

Dê-me dinheiro eu seu que tornar-se sombra

Bi o le jó le jó oni Yemoja

Se ele pode dançar pode dançar povo Yemoja

Jo akere olodo fabe sesi

Dançar akere dona rio

A jó fo ajo forilaso ki o omode

Dançar dançar que ele criancinha chegar

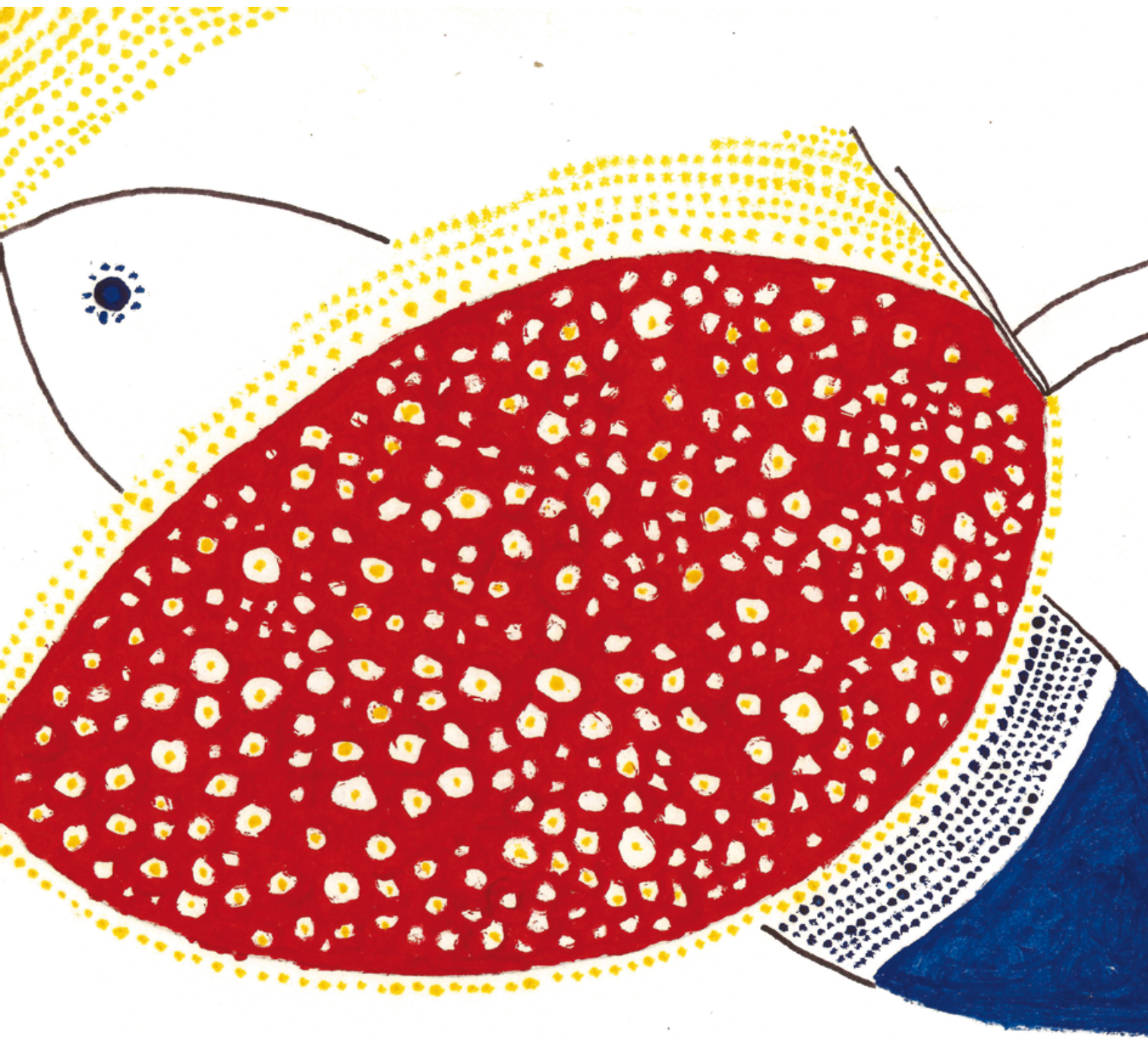
Iya kó mò bori dilumi ojare

Mãe não saber cobrir cabeça ser justa

Adufe sadere o fará si (bis)

Iya omo dundun awoyo a

Adufe sandere o fara si





Omodé Yemoja

As crianças de Yemoja

Paulo César Padilha*

*Pejigan N'ílẹ̀ Ògún Já

Passei minha infância no Ilê Axé Palepá Mariô Sesú, pois minha mãe é omorixá iniciada nessa Roça. Sendo assim, desde muito cedo eu já estava ligado na coisa do Candomblé e era difícil, mas, naquele tempo, as pessoas eram mais dedicadas “às coisas do santo”, como era falado antigamente.

O respeito, então, nossa mãe! Nem se fale, tudo era muito secreto, misterioso e seguro nas mãos de quem era de direito. Não se falava nada na frente dos Ogberi e muito menos com os Aburo, como é comum hoje em dia.

Vivíamos numa atmosfera de muito axé, lembro-me como se fosse hoje, quando crianças, filhos dos Omorixá da casa quando do começo da Roça, participávamos da rotina da casa, como hoje em dia também. Lembro-me ainda de nós (até então eu era o mais novo da turma): enquanto pai

Jacindê e alguns dos filhos da casa tocavam a todo vapor as obras do barracão e demais dependências da Roça, as mulheres se dividiam em ajudar também na obra e nos outros afazeres e, para não atrapalharmos, éramos colocados sentados num canto para furar os blocos que seriam usados para erguer, o que hoje se tornou um símbolo de religião, fraternidade, e o que mais admiro nesta casa, um espaço aonde as pessoas vão para se religar com o sagrado, partilhando do axé que é gerado, mantido e redistribuído por Ìyá Sesú e seu Egbé sob a guarda de Iyemojá e os Orixás em geral.

Logo na inauguração da Roça, quando Iyemojá Sesú vinha anualmente nos abençoar, às vezes fazia um ritual em que escolhia dentre as crianças uma com a qual dançava, aconchegava e muitas vezes até as carregava no colo. Eu mesmo fui uma dessas crianças.

Ritual este que mais tarde soube, por intermédio do meu Olori Ebí, que se tratava dos Omodé Iyemojá, ou seja, as crianças de Iyemojá!, fundamento antigo, do qual poucos sabem o significado e o real simbolismo desse ritual.

Segundo esse ritual, entre os povos Egbá, os escolhidos são aqueles que no futuro teriam a obrigação de zelar pela estrutura geral do culto do Orixá em questão.

Ainda falava que deveriam ser entronizados dentro da hierarquia sacerdotal do culto de Iyemojá, mas, como muita coisa, isso também ficou fragmentado dentro do Candomblé.

A vida tomou seu curso, eu segui meu caminho para trilhar o destino que Orí Eledá me escolheu e Orunmilá ratificou, mas isso eu trago comigo para toda minha existência. Lá se vão mais de 30 anos, e aqui estou eu hoje Aworo N'Ilé Ògún Já. E então, passarão mais 30, 40... 50 e outros anos mais. Mas aqueles que tiveram o privilégio e a benção de terem sido escolhidos para tal ritual, eternamente serão:

Omode Iyemojá sesú!

Asé lyemojá yóò gbá o gbe làyè

Asé!

Que o axé de lemanjá possa nos
acompanhar por toda a vida.

Que assim seja!



Prumo do Olhar

Ayodelê Fernanda Procópio Mangiullo*



“A fotografia é como uma cicatriz no corpo, às vezes intrigante porque plasma o momento da ação. Por vezes direta e intencional, às vezes acidental e ocasional: por serem diversas em seus significados, são marcas que contam mentiras diferentes. A sua função é como a de toda grande arte – unir os homens, aproximá-los de uma ideia comum. É como a poesia, a mais gestual das manifestações criadoras. Contém em si o sinal da cruz, o elo entre o céu e o inferno.”

Mario Cravo Neto

Olhar...

Aconteceu de maneira inesperada, surpreendente, como muitas transformações ocorrem em nossas vidas...

Foi numa noite fria de junho de 1999 que, pela primeira vez, me esquentei numa fogueira de Xangô e, a partir daquele instante, um encantamento me tomou.

Era a Roça de Iya Sessu com seus filhos-de-santo, amáveis e hospitaleiros, que me receberam com afabilidade e delicadeza.

Eu não conhecia um terreiro de Candomblé, tive sorte por ter pisado pela primeira vez na Pedreira! Quem conhece a religião concordará comigo que ter a primeira vivência nesta casa é um privilégio, pois tudo é simples, feito para os orixás.

Naquela noite, sentada em um banco ao lado direito, perto da saída, Oya dançava, dançava com o movimento do ar, e eu acompanhava com olhos de aprendiz de fotógrafa, levada pela sedução de sua ventania. Senti um desejo incontrolável de registrar aquele momento, que me parecia tão sedutor: o ambiente, as bandeirinhas no teto, o piso verde, os pés descalços, as contas e panos coloridos, as crianças, os sorrisos que, apesar de cansados, eram presentes.

Depois daquela noite, aquecida pelo fogo, com minha curiosidade apetejada, me senti determinada a voltar.

Voltei! Não apenas uma, mas várias vezes. Conheci melhor Mãe Sessu, e, assim, o encanto aprumou. Foi uma incrível simpatia. Conversei por um bom tempo com ela, apesar de algum filho ou convidado requisitá-la constantemente.

Que delícia de pessoa! Nossa amizade principiou.

Comecei a frequentar e conhecer as diferentes festas públicas. A cada visita, aprendia um pouco mais sobre os orixás e me encantava pela religião. E o que também me instigava era um rapaz que fotografava no meio do toque. Sua coragem me fez sentir uma grande vontade de ver suas fotos e fotografar aqueles tambores! Aquele rapaz tornou-se um grande amigo, Claudio Zeiger.

Timidamente, carreguei minha câmera fotográfica com apenas quatro rolos de filme. Foi assim que Oxossi, com seu ofá – arco e flecha, me guiou, alimentando minha alma e mostrando um caminho. Um prumo fotográfico. O saboroso prazer da descoberta. Fotografar aquele terreiro me fascinou.

A casa, com sua harmonia, contribuiu para que eu descobrisse parte de mim. Foi naquele ambiente que tive liberdade de experimentar tudo o que era necessário para uma grande revelação: a veracidade das minhas fotografias. O olhar estreitado. A expressão. Uma autoria.

Para amadurecer minha arte, como acontece com alguns artistas, por momentos, a abandonei, me isolei. Mas, quando retorno, sinto meu coração preenchido.

Volto a casa com uma sede de criar. Fotografar, fotografar, fotografar... Da ordem do impulso. Foi no Candomblé da Mãe Sessu que manifestei minha produção humana, esta que alimenta minha alma de prazer, que me estimula a fotografar, no meio do barracão, ora acompanhada do meu grande amigo, ora com uma criança.

Ao longo dos quinze anos em que visito a casa, sinto que a familiaridade me acolhe, logo que dobro a Rua das Baúnas. O mais admirável é que alguns se vão, outros filhos chegam, e a afabilidade cheia de sorrisos se mantém pelas curvas, cantos e corredores, como em uma manhã quente de janeiro, ao tomar o banho das Águas de Oxalá e assim sou recebida.

O terreiro me ensinou a cultivar a sensibilidade e ampliar os horizontes, a compreender o que são escolhas, e manter uma mente independente. Composições são escolhas manifestadas na fotografia. O visor é um só, o olhar é um só e instigante, como afirmava Cartier-Bresson: “Pelo visor, a vida é como uma dança”.

E da dança da vida, de encontros, desencontros e reencontros do amor, meu filho, Bilajaiye, nasceu

no início de 2014. O trabalho de parto e parto foram realizados em sintonia com a fluidez e beleza das águas da Casa, e a energia das iyábas rondava meu ventre.

Presenciar Bilajaiye, com poucos meses de vida, dançar e bater palmas inquietantemente ao som dos tambores é a alegria em seu sentido mais terno.

Se não há tambor, não há fotografias, não há vida.

Da ordem do impulso

A fotografia encarou muita resistência, com fortes críticas, como do poeta Charles Baudelaire, ao processo industrial da fotografia:

Charles Baudelaire, ao processo industrial da fotografia:

¹ Baudelaire, Charles. O público moderno e a fotografia. Carta ao Sr. Diretor Da Revue Française, Sobre O Salão De 1859 (20/06/1859). – Disponível em: <http://www.entler.com.br/textos/ baudelaire2.html>

“(...) A partir desse momento, a sociedade imunda precipitou-se, como um único Narciso, para contemplar sua imagem trivial no metal e

uma loucura, um fanatismo extraordinário apoderou-se de todos aqueles novos admiradores do sol(...).”¹

Por trás de todas essas críticas, em que a principal consistia na afirmação de que a fotografia banalizava a arte, esta linguagem artística possui muitos aspectos sutis e possibilidades, até por libertar a pintura, que carregava uma necessidade realista. Nestas sutilezas, observo, além dos símbolos, ao fotografar dentro de um terreiro (seja no espaço físico, numa festa pública ou em uma saída de iaô), como esta cultura é vivenciada. Nestes símbolos, noto que há um valor sentimental para o povo do Candomblé, como se fosse uma manifestação prática dos mitos.

A fotografia, desse modo, não atua apenas como instrumento de registro de determinado símbolo, mas um modo de ser, que ultrapassa a fotografia ferramental dentro de um trabalho antropológico, pois o fotógrafo também deve ser um observador participante, assim como o antropólogo. Atualmente, com o acesso à câmera digital, muitos fotografam por toda parte. Houve uma discussão sobre a morte da fotografia, por conta de toda tecnologia agregada a ela, mas a democratização

proporcionada pela câmera digital oferece a possibilidade de rediscutirmos o papel de reproduzir imagens.

Em quase todos os ambientes que frequentamos, as pessoas estão com uma câmera nas mãos. Mas será que só precisamos registrar por registrar? Não se observa, não se participa, não se vivencia mais nada. Numa festa pública de candomblé, assim como, em viagens, museus, parques, muitas pessoas fotografam com celulares, entre convidados e filhos-de-santo. Na roça de Mãe Sessu, há dez anos, havia, no máximo, três fotógrafos, contando comigo.

A maioria das fotografias, oriunda dessa obsessão atual, é feita por puro registro da festa, como

lembrança, para arquivo ou para ser postada nas redes sociais, sem critérios, sem créditos do terreiro, da festa e do fotógrafo, sem datas especificadas. Neste caso, de que vale o simbólico?

“(...) nunca a imagem se impôs com tanta força em nosso universo estético, técnico, cotidiano, político, histórico. Nunca

mostrou tantas verdades tão cruas; nunca, sem dúvida, nos mentiu tanto solicitando nossa credulidade; nunca proliferou tanto e nunca sofreu tanta censura e destruição. Nunca, portanto, - esta impressão se deve sem dúvida ao próprio caráter ardente -, a imagem sofreu tantos dilaceramentos, tantas reivindicações contraditórias e tantas rejeições cruzadas, manipulações imorais e execrações moralizantes.”²

Existe uma fonte em comum, embora por diferentes destinos, entre a fotografia e a antropologia que as sustentam: a observação.

As imagens não apenas complementam, mas dão sentido à pesquisa antropológica. É o que podemos observar no trabalho de Pierre Fatumbi Verger, embrenhando-se na cultura negra do candomblé. Ele foi além do observador participante para estabelecer seus registros e estudos. Suas imagens contam a história visualmente de mitos e símbolos, fortalecendo a escrita.

A fotografia não foi apenas um instrumento de registro para meu trabalho antropológico, mas fez com que eu me aprofundasse no conhecimento desta cultura,

² Huberman-Didi, Georges. Quando as imagens tocam o real. Disponível em: <http://www.macba.es/uploads/20080408/>

Georges_Didi_Huberman_Quando_las_imagenes_tocan_lo_real.pdf.

desenvolvendo um método de aproximação com os filhos de santo, não apenas uma reprodução do que eu observava numa festa no terreiro. Por meio da fotografia, mergulhei no universo do Candomblé, transcendendo o significado comum.

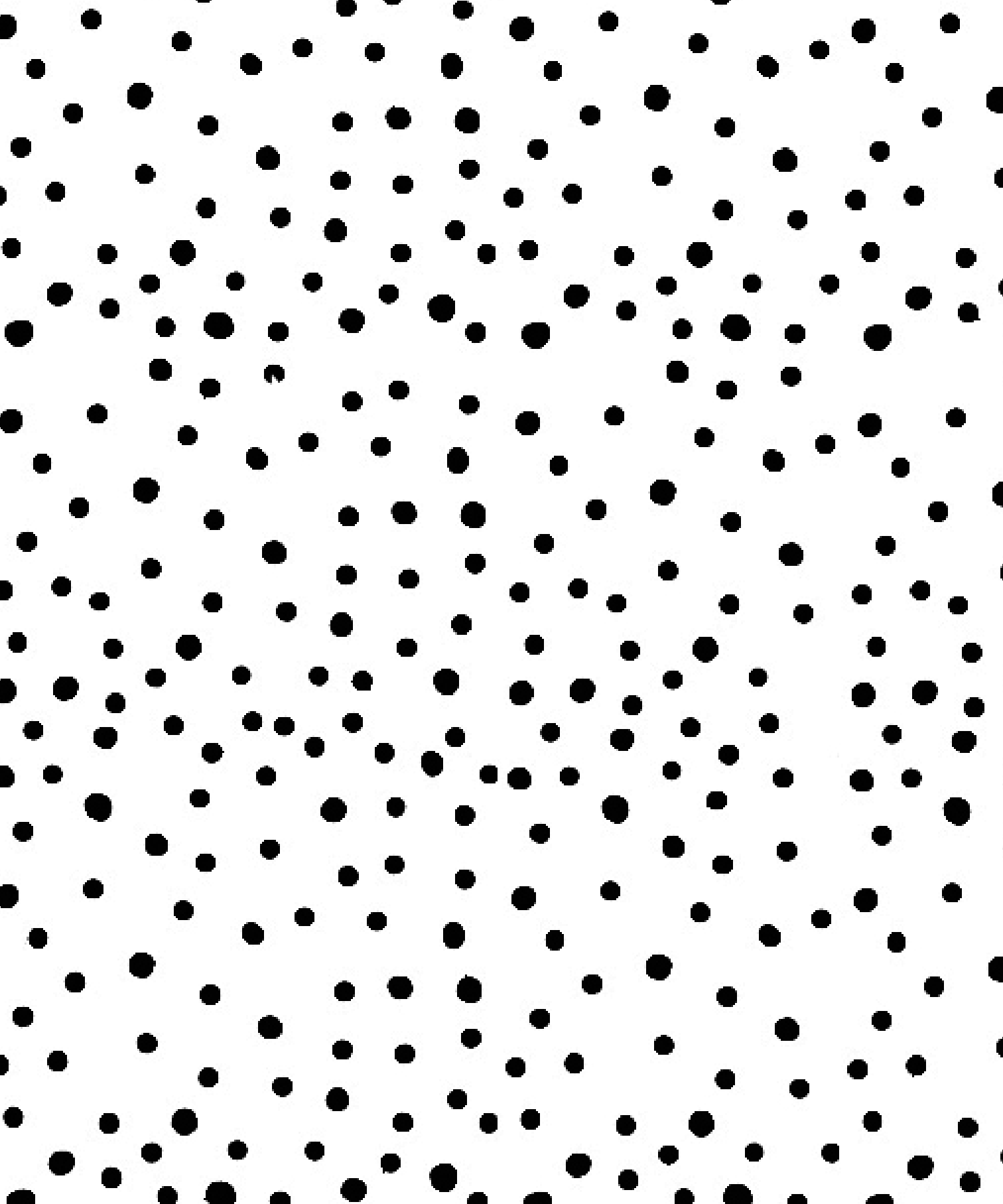
“(...) Não se pode falar do contato entre imagem e o real sem falar de uma espécie de incêndio. Portanto, não se pode falar de imagem sem falar de cinzas. As imagens tomam parte do que os pobres mortais inventam para registrar seus tremores (de desejo e de temor) e suas próprias consumações. Portanto, é absurdo, a partir de um ponto de vista antropológico, opor as imagens e as palavras, os livros de imagens e os livros a seco. Todos juntos formam, para cada um, um tesouro ou uma tumba da memória, seja esse tesouro um simples floco de neve ou essa memória esteja traçada sobre a areia antes que uma onda a dissolva. Sabemos que cada memória está sempre ameaçada pelo esquecimento,

cada tesouro ameaçado pela pilhagem, cada tumba ameaçada pela profanação. Assim, cada vez que abrimos um livro (...), talvez devêssemos nos reservar uns minutos para pensar nas condições que tenham tornado possível o simples milagre de que esse texto esteja aqui, diante de nós, que tenham chegado até nós. Há tantos obstáculos. Queimaram-se tantos livros e tantas bibliotecas. E mesmo assim, cada vez que depomos nosso olhar sobre uma imagem, deveríamos pensar nas condições que impediram sua destruição, sua desapareição, Destruir imagens é tão fácil, têm sido sempre tão habitual. (...)”³

Harmonizado a um olhar estético no momento da captura da imagem, um fotógrafo pode captar a alma, muito além do registro, e um antropólogo pode utilizar as imagens fotográficas para escrever com elas, não apenas sobre elas.

Como nos avisou o sábio e doce poeta, Manoel de Barros, “Quem anda no trilho é trem de ferro, sou água que corre entre pedras – liberdade caça jeito.”

³ Ibidem



Anexo I

Roça Ala Ketu
Ilé Àse Pàlepà
Màriwò Sessu e
Mãe Sessu entre
1979 à 2009

Livros

PRANDI, Reginaldo. Os Candomblés de São Paulo. São Paulo, HUCITEC, 1991. Pág. 146 [MÃE IASSESSU – O candomblé encara isso por uma definição de costumes e também até de raças, pelo seguinte, porque o católico entra todo mundo na igreja, você vai lá e entra. Só que o padre não está sabendo que é um, que é o outro, nem vão procurar ele para dizer determinadas coisas. Agora, na roça de candomblé se procura, então ele admite e procura encaminhar esta pessoa, mas não proíbe porque tudo que é proibido, aí é que vou fazer, a partir do momento que você não proíbe, ele não vai fazer nada daquilo...] pág. 235 [Mãe lassessu (Clarice do Amaral Neves)...].

SILVA, Vagner Gonçalves da. Orixás da Metrópole. Petrópolis, Vozes, 1995. Pág. 300 [Candomblé Alaketu Ilê Axé Palepá Mariô Sessu ...].

PRANDI, Reginaldo. Herdeiras do Axé. São Paulo, HUCITEC, 1996. Pág.95 [MÃE IASSESSU – O mais mesmo que vem é questões de trabalho e doença.].

EYIN, Pai Cido de Òsun. Candomblé a panela do segredo. São Paulo, Mandarin, 2000. Pág. 200 [... Em São Paulo, òyá Sessu também honra o nome de sua mãe lemanjá.]

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo, Cia das Letras, 2001. Pág. 580 [Prancha 30. Oxalá. Embaixo, no meio: Obatalá dançando. Roça Alaketu Ilê Axé Palepá Mariô Sessu, São Paulo, SP, 1987, foto de Reginaldo Prandi] e pág. 583.

EYIN, Pai Cido de Òsun. Acaça: Onde Tudo Começou. São Paulo, Arx, 2002. Pág. 143 [Mãe Clarice de Iemanjá é filha de Iyá Sésù, uma qualidade Iemanjá muito ligada a Oxalá. Nas concorridas festas de Iemanjá, é a própria Iyá Sésù quem distribuí, de mão em mão, a todos os filhos, o ebô-iyá, e ...].

VALLADO, Armando. Iemanjá: a grande mãe africana do Brasil. Rio de Janeiro, Pallas, 2008. Pág 13 [Minha gratidão ao povo-de-santo das casas de candomblé estudadas, em especial ao terreiro da Ialorixá Clarice de Iemanjá, amiga que se tornou importante, recebendo-me sempre transmitindo-me seus conhecimentos.], pág. 44 [Escutei de Mãe Clarice de Iemanjá Sessu, Ialorixá, com terreiro na cidade de São Paulo, que em seu templo nenhuma oferenda é feita a seu orixá sem que o orixá Ogum “coma” antes. Explicou-me que os dois têm uma ligação umbilical, pois segundo a Ialorixá, é Iemanjá Sessu quem, nos momentos de ira do orixá da guerra, apazigua Ogum com suas águas frias.].

Teses

VALLADO, Antônio Armando. Lei do Santo – Poder e Conflito no Candomblé. Tese de doutorado em sociologia apresentada ao Departamento de Sociologia da FFLCH da USP. Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Prandi. 2003.

MELLO, Aislan Vieira de. A. Voz dos Fiéis no Candomblé “Reafricanizado” de São Paulo. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – campus de Marília – como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Orientadora: Profa. Dra. Claude Lépine. 2004.

BOTÃO, Renato Ubirajara dos Santos. Para Além da Nagocracia: A (Re) Africanização do Candomblé Nação Angola-Congo em São Paulo. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – campus de Marília – como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Orientadora: Profa. Dra. Claude Lépine. 2007.

Documentário

SILVA NETO, José Pedro da. COELHO, Maria Emília.

Iyalode; Damas da Sociedade. São Paulo: Fundação Cultural Palmares e Universidade Federal de Brasília, 2005, vídeo-disco (52 min.): NTSC, color. Exibido em 2005 (Museu Afro Brasil-SP, Sesc Vila Mariana, Cine Sesc, Rede STV, sede da Fundação Palmares-DF, TV Nacional – Canal 2), em 2006 (19º Mostra do Áudio Visual Paulista no Centro Cultural Banco do Brasil, Vitória Cine Vídeo – ES, 13º Festival de Cinema e Vídeo de Cuiabá, REDE STV, FEMINA 2006 – Festival Internacional de Cinema Feminino – RJ, TV Nacional – Canal 2, Cine UFScar – Universidade Federal de São Carlos, 11ª. Mostra Internacional do Filme Etnográfico, Cinema Espaço Museu da República – RJ, TV SESC), em 2007 (TV CULTURA), Festival du Film Panafricain – Espace Miramar – Cannes – França).

Apresentações

Xirê de Candomblé no Projeto Aiye, Pátio da Cruz, PUC-SP, 1999. Curadoria de José Pedro da Silva Neto.

Xirê de Candomblé na abertura da exposição Dona Olga de Alaketo Iyalorixá da Bahia. Museu Afro Brasil, 2005. Curadoria de José Pedro da Silva Neto.

Xirê de Candomblé no 23 ISPA Congressse
São Paulo, CEU Alavarenga, 2009. Curadoria de José
Pedro da Silva Neto e Sandra Campos.

Comida de Santo - Mostra SESC de Artes 2010 – Percursos
Urbanos, mediação de Reginaldo Prandi, 26/11/2010.

Exposições

Iyabas: As Grandes Mães Afro-Brasileiras. Museu da
Cultura da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, 2001. Fotos
de Fernanda Procópio de Yemodjá, Obá, Oxum e Iansã do Ilê Axé
Palepá Mariwo Sessu e roupas de Yemodjá Sessu, Iansã Ipetú e Obá.
Curadoria de José Pedro da Silva Neto e Ivete Miranda Previtali.

Açaçá: Onde Tudo Começou. Acervo da Memória e
do Viver Afro-Brasileiro e Associação Cultural Cachuera!, São
Paulo, 2002; Casa de Cultura de Interlagos – SMC-SP, 2002;
Casa de Cultura do Butantã – SMC-SP, 2003. Fotos de Fernanda
Procópio de Yemojá Sessu, Oxum, Obá e Iansã do Ilê Axé
Palepá Mariwo Sessu. Curadoria de José Pedro da Silva Neto.

Religiosidades Afro-Brasileiras. Acervo da Memória e do Viver
Afro-Brasileiro – SMC-SP, 2003; Espaço Cultural Tendal da Lapa – SMC-
SP, 2003; Casa de Cultura da Penha – SMC-SP, 2003. Fotos de Fernanda
Procópio do Olubajé e de Andrea de Valentim de Yemodjá Sessu do

Ilê Axé Palepá Mariwo Sesu. Curadoria de José Pedro da Silva Neto.

Cores Cruzadas – A Cultura Afro-Brasileira. Sesc

Interlagos, São Paulo, 2004. Roupas de Obá e Ogum do Ilê Axé

Palepá Mariwo Sesu. Curadoria de José Pedro da Silva Neto.

Revistas

Revista Orixás – Minuano – São Paulo – Edição 01 –

2002. Pág. 19. Foto de Obá do Ilê Axé Palepá Mariwo Sesu.

Revista Vídeo Zoom Magazine – Crazy Turkey Editora – São

Paulo – Edição 75 – 2005. Pág 42 a 44. De Corpo e Alma: Diretores

novatos encaram o desafio de filmar a cultura do candomblé

em São Paulo, em um projeto tão autoral quanto informativo.

Entrevista com José Pedro da Silva Neto e Maria Emilia Coelho.

Revista Orixás – Minuano – São Paulo – Edição 08 – 2006. Pág. 30

a 35. Iyalode Damas da Sociedade. Artigo de José Pedro da Silva Neto.

Jornais

CHAGAS, Paula. O Cotidiano das mães-de-santo.

Folha de São Paulo, São Paulo, 1 de ago. 2005. Caderno 2, p.D5.

Entrevista com José Pedro da Silva Neto e Maria Emilia Coelho.





2

Caderno de fotos

1. Casamento de Mãe Sessu e
Pai Jacinde (Antônio das Neves
Filho), 1964. foto: arquivo pessoal

2. Brasão do Ilé Àse Palepa
Mariwo Sessu, 1978.





3. Construção do Ilé Àse Palepa
Mariwo Sese, 1977. Em cima:
José Eloi Goés da Silva e Pai
Jacinde.
foto: arquivo pessoal

4. Filhos do Ilé Àse Palepa
Mariwo Sese, 1978. Atrás a atual
cozinha.
foto: arquivo pessoal

5. Mãe Sessu e Inatobi em
frente ao poço do Ilé Àse
Palepa Mariwo Sese, 1979.
foto: arquivo pessoal

6. Interior do Ilé Àse
Palepa Mariwo Sese, 1980.
foto: arquivo pessoal

7. Onílù Ofaquere e Aşògún
Absogun nos tambores do
Ilé Àse Palepa Mariwo Sese,
1980. foto: arquivo pessoal

8. Festival de Yemoja, 1980.
Ekede Ajaitona, Yemoja Sese e Tia
Onikauí.
foto: arquivo pessoal

9. Saída da primeira iniciada
do Ilé Àse Palepa Mariwo Sese,
1980. Mãe Sessu, Ominaiale e
Pai Jacinde.
foto: arquivo pessoal

10. Saída de Okambi, 1987.
Okambi (Antônio das Neves
Neto), Ọsàlúfón e Mãe Sessu.
foto: Reginaldo Prandi

11. Thoya Jarina de Toy
Vodunon Franselino de
Xapanã, Ọsàlúfón de Mãe
Lindinalva e Yemoja Sese,
1998. foto: arquivo pessoal







12. Congresso Internacional de Tradição do Orixá, Anhembi, 1990. Mãe Sandra Medeiros Epega, Mãe Sessu e Olabomi. foto: Jairo Torres

13. Festival das Iyabas no Ilé Àṣe Palepa Mariwo Sesu, 2007. Oya da Iyámorò Wakotobi, Mãe Sessu e Yemoja da Iyádagàn Olabumi. foto: Fábio José

14. Festival de Yemoja no Ilé Àṣe Palepa Mariwo Sesu, 2004. Ògún de Mãe Onikau. foto: Andrea de Valentim

15. 1989. Òṣun da iyá Adesoji. foto: arquivo pessoal

16. Festival das Iyabas no Ilé Àṣe Palepa Mariwo Sesu, anos 80. Òṣun da iyákékeré Ominaiyale. foto: arquivo pessoal

17. Festival de Sàngó, Oya e Obà do Ilé Àṣe Palepa Mariwo Sesu, 2011. Oya da iyàwó Monisola. foto: Fernanda Procópio

18. Festival de Sàngó, Oya e Obà do Ilé Àṣe Palepa Mariwo Sesu, 2009. foto: Cláudio Zeiger

19. Festival dos Guerreiros no Ilé Àṣe Palepa Mariwo Sesu, 2011. Òsòòṣi do iyàwó Arolewin. foto: Fernanda Procópio



CANTIGAS PARA YEMOJÁ
NO IGRIKA

1) Qm̃q̃ f̃q̃ s̃q̃ q̃be w̃q̃ yemojá
Iya mi awoyó m̃q̃ j̃q̃ l̃i q̃w̃u. Per̃r. e resp.

2) Iya ominihun
Iya orioye
Qm̃q̃ r̃boq̃bo nil̃q̃ olode Per̃r. e Resp.
A q̃ b̃q̃ q̃m̃q̃ r̃q̃

3) Bi o ni j̃q̃ l̃e j̃q̃ oni Yemojá
Orun iya ke olodo
R. Iya ki o fi ori mi b̃q̃ mi ojaré.

4) Are are are ni
Yeye wá s̃q̃ are ni Per̃r. e Resp.
Yeye k̃q̃ q̃m̃q̃ ĩj̃a.

5) Yemojá ki o wá r̃be ohun are
Yemojá ki o wá r̃be ohun ayo Per̃r. e Resp.

6) Ki o le ko ile ni j̃q̃ olovo Yemojá
Ob̃q̃ Oso ni s̃q̃ awoyó Yemojá
Bi ori a r̃bo ãj̃p̃ Yemojá Per̃r. e Resp.
Bi ori a r̃bo ãỹp̃ Yemojá
Ki li o pa adaran Yemojá
Orun a wá Orun ayo ob̃b̃e.

7) Baq̃m̃i q̃m̃i mi lomi lomi
Iri iyeye roko Per̃r. e Resp.
Iri abata mi wi.

8) Iya njo o o awa lu Yemojá
Iya wa njo olorom̃i ilu baja. Per̃r. e Resp.

Cantadas no
templo de
Ibadan.
ÁFRICA

Cantadas no
templo de
Adjá Were.
ÁFRICA

20



21



22



23



24



25



26



27

105

20. Cantigas de Yemoja

21. Festival de Yemoja no Ilé Àṣe Palepa Mariwo Sesu, 2004. Yemoja Sesu. foto: Andrea de Valentim

22. Festival de Yemoja no Ilé Àṣe Palepa Mariwo Sesu, anos 90. Yemoja da iyàwó Omibandi. foto: Fernanda Procopio

23. Festival de Yemoja no Ilé Àṣe Palepa Mariwo Sesu, anos 90. Yemoja da Iyádagàn Olabomi. foto: arquivo pessoal

24. Festival de Yemoja no Ilé Àṣe Palepa Mariwo Sesu, 2012. igbáomi. foto: Fernanda Procopio

25. Festival de Yemoja no Ilé Àṣe Palepa Mariwo Sesu, 2010. Asògún Absogun e Pegigam Okambi. foto: Fernanda Procopio

26. Festival de Ògún no Ilé de Mãe Ivete Miranda Previtali (Campinas), 2001. foto: Fernanda Procopio

27. Festival de Yemoja no Ilé Àṣe Palepa Mariwo Sesu, 2013. Yemoja da ègbón Siwalejo. foto: Cintia Alcântara



28



29



31



O SESC-Serviço Social do Comércio,
Rede Sesc Senac de Televisão
e Pacto Audiovisual convidam
para o lançamento do documentário.

Iyalod
JAMAS DA SOCIEDADE

Direção: Maria Emília Coelho
e José Pedro da Silva Neto.

Dia 23 de novembro de 2005,
às 21h, no CineSESC

Produção:
PACTO
AUDIOVISUAL

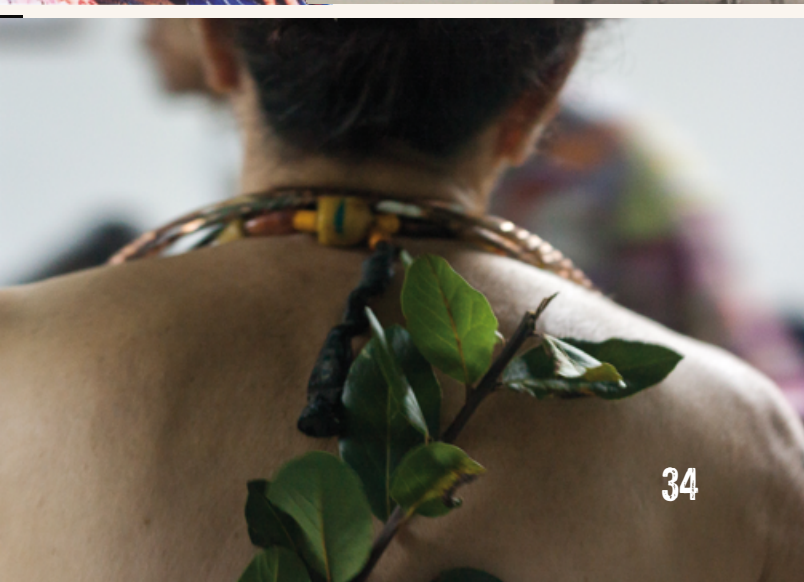
Co-produção:
Rede Sesc/Senac de Televisão

CINESESC
Rua Augusta, 2071 - Cep 01413-000
Tel. (11) 3062-1212 • e-mail: cine@cincesc.org.br
www.cincesc.org.br • 0800-110212

32



33



34



30



35

107

28. Festival de Obàtálá do Ilé Àse Palepa Mariwo Sese, 2009. Vista da área externa. foto: Cláudio Zeiger

29. Mãe Sessu e Mãe Adesoji, 2004. foto: Fernanda Procopio

30. Festival de Ọsun no Ilé Àse Palepa Mariwo Sese, 2004. Ọsun da Mãe Adesoji. foto: Fernanda Procopio.

31. Mãe Pulqueria, Mãe Juju, Mãe Ada e Mãe Sese, 2004. documentário Iyalode Damas da Sociedade. foto: Fábio José

32. Convite de lançamento do documentário Iyalode: Damas da Sociedade, 2004.

30. Festival de Ọsun no Ilé Àse Palepa Mariwo Sese, 2004. Ọsun da Mãe Adesoji. foto: Fernanda Procopio.

33. Mãe Sese, Mãe Juju e Mãe Ada, 2005. Pré-lançamento do documentário Iyalode no Museu AfroBrasil. foto: arquivo pessoal.

34. Festival de Sàngó, Oya e Obà do Ilé Àse Palepa Mariwo Sese, 2011. Obà da iyábasé Olasedele. foto: Fernanda Procopio.

35. Festival de Sàngó, Oya e Obà do Ilé Àse Palepa Mariwo Sese, 2011. Obà da iyábasé Olasedele. foto: Fernanda Procopio.



36. Baba Antônio das Neves Filho. foto: arquivo pessoal.

37. Festival de Sàngó, Qya e Qbà do Ilé Àṣe Palepa Mariwo Sesu, 2010. Kobila e Omolade. foto: Fernanda Procopio.



